

SUMÁRIO

Neste extenso capítulo final do sutra *Avatamsaka*, enquanto o Buda Shakyamuni medita em Shravasti, Manjusri parte para o sul da Índia, onde encontra o jovem leigo Sudhana e o instrui a procurar um certo *kalyanamitra* ou "bom amigo", que então direciona Sudhana a outro amigo desse tipo. Dessa forma, Sudhana sucessivamente encontra e recebe ensinamentos de cinquenta kalyanamitras, homens e mulheres, crianças e adultos, humanos e divinos, monásticos e leigos, incluindo deusas noturnas que cercam o Buda e a esposa e mãe do Buda. Os três últimos na sucessão de kalyanamitras são os três bodisatvas Maitreya, Manjusri e Samantabhadra. A recitação de Samantabhadra do *Samantabhadracaryāprañidhāna* ("A Oração para a Conduta Completamente Boa") conclui o sutra.

INTRODUÇÃO

O Arranjo de Caule (Gandavyuha) é um sutra único, pois a maior parte de sua narrativa ocorre no sul da Índia, longe da presença do Buda. Ele segue a jornada do jovem Sudhana de um mestre a outro, ou *kalyanamitra* (literalmente "bom amigo"), começando com seu encontro com Manjusri quando este bodisatva foi para o sul da Índia. Outra característica única é que os mestres de Sudhana incluem crianças, não-budistas, uma cortesã, comerciantes e assim por diante, entre eles várias mulheres. Seus mestres são tanto humanos quanto deidades, incluindo oito deusas da noite ao redor da Árvore Bodhi e a deusa da floresta de Lumbini, o local de nascimento do Buda. Esses mestres são frequentemente descritos como tendo recebido ensinamentos de numerosos outros budas. Por exemplo, o bhikkhu Sāgaramegha descreve como recebeu, de um buda que surgiu do oceano, ensinamentos que levariam mais de um kalpa para serem escritos. Os kalyanamitras são descritos como tendo realizações e poderes miraculosos que desafiam os limites da imaginação.

O *Gandavyuha* forma o quadragésimo quinto e último capítulo do sutra *Budavatamsaka* (Uma Multidão de Budas), onde é chamado de "capítulo" em vez de "sutra". De acordo com o colofão de Degé, os quarenta e quatro capítulos anteriores formam seis seções, ou sutras, do *Avatamsaka*, com o *Gandavyuha* como o sétimo sutra¹. Em seu levantamento do século XVI dos principais sutras, Pekar Zangpo (pad dkar bzang po) divide o primeiro grupo de capítulos em dois, de modo que o *Gandavyuha* seria a oitava seção do *Budavatamsaka*.² O *Gandavyuha* é uma das quatro seções que consistem em um único sutra,

mas é de longe o sutra ou capítulo mais longo, compreendendo cerca de um terço do sutra *Avatamsaka*.

No sutra *Budavatamsaka*, o Buda Shakyamuni nunca fala: todos os ensinamentos nos quarenta e cinco capítulos do *Avatamsaka* são dados por outros. Nos primeiros quarenta e quatro capítulos ou sutras, isso é feito na presença do Buda. O *Gandavyuha* é único, pois a maior parte deste longo capítulo ocorre longe de sua presença, com outros budas sendo apresentados como as fontes dos ensinamentos recebidos pelos kalyanamitras que Sudhana encontra. No entanto, os capítulos anteriores do *Avatamsaka* já apresentaram a visão de que vários budas são manifestações do Buda Vairocana, e é pelo nome Vairocana que Shakyamuni é referido neste sutra.³

Os quarenta e quatro capítulos anteriores do sutra *Avatamsaka* ocorrem durante as duas semanas após o despertar do Buda, momento em que ele permanece em silêncio sob a Árvore Bodhi, mas está simultaneamente presente, ainda em meditação silenciosa, em outros locais em todo o nosso universo: o paraíso Trāyastriṃśa de Indra no cume do Sumeru, os paraísos Yāma e Tuṣita acima do Sumeru, e o paraíso mais alto no reino do desejo - o paraíso Paranirmitavaśavartin. Bodisatvas se reúnem ao seu redor, inspirados por sua presença a dar ensinamentos como o sutra *Daśabhūmika* (sutra Dez Bhumi),⁴ que é ensinado pelo bodisatva Vajragarbha no paraíso Paranirmitavaśavartin. O sutra *Daśabhūmika* teve grande influência no desenvolvimento do Budismo, eclipsando as sete bhumis anteriores dos sutras *Prajnaparamita (Perfeição da Sabedoria)*.

Por outro lado, o *Gandavyuha* começa com o Buda em meditação silenciosa em seu Mosteiro Jetavana em Shravasti, onde passava a maior parte de seus retiros de verão. Discípulos humanos estão reunidos ao seu redor, juntamente com uma multidão de bodisatvas que seus discípulos humanos não estão avançados o suficiente para perceber. Enquanto o Buda permanece sentado em meditação silenciosa, o bodisatva Samantabhadra dá um ensinamento aos bodisatvas reunidos. O bodisatva Manjusri deixa a assembleia para o sul da Índia e, em vez de continuar a descrever eventos e ensinamentos na presença do Buda, o sutra segue Manjusri para o sul da Índia, onde ele encontra Sudhana, e a narrativa então segue Sudhana pelo resto do longo sutra. Embora o início do sutra esteja situado em um momento posterior ao do despertar do Buda, mais adiante, nos capítulos das deusas da noite, o Buda é retratado como estando presente sob a Árvore Bodhi. Existem outras anomalias temporais: o bodisatva Maitreya, no capítulo em que Sudhana o encontra, é retratado como estando na Terra e ainda não tendo falecido para renascer em Tuṣita, embora seja dito no capítulo de Mayadevi, como é geralmente dito em outras fontes budistas, que ele já está presente em Tuṣita. Mayadevi, a mãe do Buda, aparece para Sudhana em Kapilavastu, a cidade natal do Buda, embora tradicionalmente se diga que ela faleceu pouco depois do nascimento do Buda e renasceu como uma divindade masculina no paraíso Trāyastriṃśa.

O sutra descreve principalmente (em longos compostos sucessivos em Sânscrito) tanto as qualidades internas quanto as exibições externas de poderes miraculosos que foram alcançados pelos diversos kalyanamitras que Sudhana encontra. Conclui com o bodisatva Samantabhadra compondo a *Samantabhadracaryāprañidhāna* ("A Oração para a Conduta Completamente Boa"), que é regularmente recitada pelos budistas tibetanos contemporâneos.

As Origens Indianas do Sutra

Os sutras Mahayana apareceram pela primeira vez através do meio de revelações, depois que a tradição dos sutras escritos se desenvolveu. Esses sutras apareceram em várias tradições budistas e em vários locais.⁵ As fontes Mahayana mostram similaridades doutrinárias com a tradição Mahāsāṃghika.⁶ O Mahāsāṃghika era especialmente prevalente no sudoeste da Índia, e um número substancial de sutras Mahayana têm indicações de uma origem sul-indiana, com referências passageiras à música sul-indiana ou, para tomar o *Samādhirāja Sutra*⁷ como apenas um exemplo, a uma figura proeminente sul-indiana, neste caso o rishi Ananta. Da mesma forma, muito do sutra *Gandavyuha* ocorre no sul da Índia, retratando professores que parecem operar independentemente das comunidades budistas do norte. Douglas Osto ecoa Qobad Afshar ao sugerir que o local de Dhanyākara referenciado no *Gandavyuha* é de fato Dhānyakaṭaka/Dharaṇikoṭa, uma antiga cidade que existia às margens do rio Kṛṣṇa, na região sul de Andhra. Este lugar, acreditam Afshar e Osto, foi provavelmente onde o *Gandavyuha* foi composto pela primeira vez.⁸

Em termos de sua linguagem, o Sânscrito do sutra *Gandavyuha* apresenta numerosos recursos e vocabulário não clássicos do Sânscrito Híbrido Budista (BHS). Isso é especialmente verdadeiro para os versos, que são menos propensos à revisão para o Sânscrito Clássico do que a prosa. É frequentemente o caso que os versos em um sutra são mais antigos do que a prosa que os acompanha, ou pelo menos retêm a forma original da linguagem em que o sutra foi composto. No *Gandavyuha*, eles favorecem o final -u para o caso nominativo, onde seria -a em Sânscrito, -e no antigo dialeto nordeste e -o no noroeste (e sua continuação em Páli). A diferença entre esses dois tipos de Sânscrito não é evidente nas traduções tibetanas ou inglesas.

Quanto à cronologia relativa do *Gandavyuha*, o capítulo 41 faz uma clara referência ao Satyaka Sutra (formalmente conhecido como *O Ensino da Manifestação Miraculosa da Gama de Métodos no Campo da Atividade dos Bodisatvas*)⁹, que descreve um mestre jainista chamado Satyaka, que aconselha um rei sobre a política de governo¹⁰ e é eventualmente revelado pelo Buda como um bodisatva que assume várias formas para beneficiar os seres.¹¹ O *Satyaka Sutra* apresenta brevemente a visão de um único veículo (yana) que foi exposta no *Sutra do Lótus*,¹² mas vai mais longe ao afirmar que todas as tradições religiosas na Índia

ocorrem através da bênção do Buda e, portanto, estão incluídas dentro do único veículo (yana).¹³ Esta visão do *Satyaka Sutra* é crucial para entender um dos elementos surpreendentes do sutra *Gandavyuha* - alguns dos professores de Sudhana não parecem estar seguindo um caminho budista. Há o rishi Bhīṣmottaranirghoṣa, que está ensinando jovens brâmanes; e Jayoṣmāyatana, que está seguindo a prática ascética não budista das "cinco ardências" (sentar-se em meio a quatro fogueiras sob o sol do meio-dia); e há até Mahādeva, também conhecido como Shiva. Portanto, em termos da sucessão de sutras, parece que o *Gandavyuha* é posterior tanto ao *Sutra do Lótus* (embora não necessariamente a seus capítulos posteriores) quanto ao *Satyaka Sutra*.

A representação do bodisatva Avalokiteshvara no *Gandavyuha* é surpreendente, pois ele é apresentado como um guru aparentemente humano vivendo na Montanha Potalaka no sul da Índia, sem nenhuma menção de sua associação com o reino puro de Amitaba de Sukhavati, onde sutras anteriores o localizam. A Montanha Potalaka era um importante lugar de peregrinação tanto para os budistas quanto para os śaivitas do sul da Índia, como a morada de Shiva, que era conhecido como Lokeshvara (Senhor do Mundo), e Avalokiteshvara. Esta morada terrena de Avalokiteshvara, conhecida no Tibete como Montanha Potala, tornou-se proeminente no Budismo Tibetano e Chinês, como evidenciado pelo Palácio Potala em Lhasa e pela Ilha de Putuo na China.

O *Gandavyuha* existiu primeiro na Índia como um sutra independente e ainda existe como um sutra independente em manuscritos sânscritos. As sucessivas traduções chinesas revelam um crescimento gradual no conteúdo do sutra, com a adição de mais mestres na versão indiana antes de sua eventual tradução para o Tibetano. Mesmo assim, o número de kalyanamitras encontrados por Sudhana ainda é menor do que o número que Maitreya, no final do sutra, proclama que Sudhana encontrou em suas viagens - 110.

Houve uma versão indiana mais longa do que a que foi traduzida para o Tibetano, embora nenhum manuscrito sânscrito dessa versão tenha sobrevivido. É conhecido apenas a partir da versão enviada à China pelo rei de Orissa, que deu uma cópia ao imperador chinês em 795.¹⁴ Esta versão foi traduzida pelo monge cachemir Prajna em 798, duas ou três décadas antes da tradução tibetana ser feita. As traduções chinesas também indicam que o *Gandavyuha* tinha um título diferente no século VII, que pode ser reconstruído a partir do Chinês 入法界品 (Ru fa jie pin) como *Dharmadhatupraveśana* (*Entrada no Reino do Dharma*).

As versões anteriores concluíam com o capítulo de Maitreya. Os capítulos de Manjusri e Samantabhadra foram adicionados posteriormente, e finalmente a "Oração pela Conduta Completamente Boa" de sessenta e dois versos, que continuou a existir como um texto independente, foi adicionada como a conclusão do sutra. Esta oração foi traduzida para o Chinês em uma versão de quarenta e quatro versos por Budabadra no início do século V. A tradução chinesa de Amoghavajra (705-774 d.C.) da oração tem sessenta e dois versos devido

à adição de quinze versos sobre Amitaba. Esta versão mais longa apareceu como a conclusão do *Budavatamsaka* na tradução para o Chinês feita em 798 e na tradução para o Tibetano do início do século IX. "A Oração pela Conduta Completamente Boa", particularmente seus doze primeiros versos, é regularmente recitada no Budismo Tibetano, e também existe independentemente no Kangyur com um verso conclusivo adicional.¹⁵

Não existem manuscritos sânscritos sobreviventes do *Gandavyuha* do primeiro milênio, mas há um texto sânscrito completo que data de 1166 d.C., trezentos anos depois da tradução tibetana. Ele consiste de 289 páginas de folhas de palmeira e foi enviado do Nepal para a Sociedade Real Asiática em Londres por Brian Houghton Hodgson (1800-1894) no início do século XIX. Catalogado como Hodgson 2 (A), este é o manuscrito sânscrito mais antigo existente do *Gandavyuha*.¹⁶ A tradição budista sânscrita continuou no Nepal, onde o *Gandavyuha* permanece uma das nove obras centrais do budismo Newar.¹⁷

O Sutra *Gandavyuha* na China

O sutra *Gandavyuha* foi traduzido pela primeira vez para o Chinês como um texto independente por um monge chamado Shengjian entre 388 e 408 d.C.¹⁸ Nessa tradução, há apenas vinte e cinco kalyanamitras. Em comparação com a versão sânscrita existente, os primeiros nove kalyanamitras após Manjusri e aqueles após o trigésimo quarto não estão presentes.¹⁹ Portanto, pode representar uma tradução inacabada ou uma forma anterior do sutra, ou ambas.

Não muito depois, em 420, Budabadra (359-429 d.C.), um monge indiano que havia migrado para a China, traduziu com sua equipe todo o sutra *Budavatamsaka*, que naquela época era composto de trinta e quatro capítulos com o sutra *Gandavyuha* como o capítulo final.²⁰ A tradução de Budabadra contém não apenas capítulos adicionais em comparação com a tradução de Shengjian, mas também versos e passagens adicionais dentro dos capítulos.

Curiosamente, o monge indiano Paramarta (499-569 d.C.), que floresceu pouco depois do tempo de Budabadra, refere-se ao *Budavatamsaka* como um *Bodisatvapitaka* ("cesta" ou "ensinamentos coletados para bodisatvas"). Isso é ecoado por uma cópia deste sutra encontrada nas cavernas de Mogao em Dunhuang, que leva o título de *Bodisatvapitaka Budavatamsaka*.²¹ Embora o Sânscrito atualmente disponível não dê o título de *Bodisatvapitaka*, os colofões tibetanos apresentam essa designação, embora o sentido dela mude dependendo da gramática de cada colofão,²² o que pode sugerir que houve alguma confusão entre os estudiosos tibetanos sobre o significado do termo.

O *Budavatamsaka* havia crescido ainda mais em tamanho na época de sua tradução para o Chinês sob a direção do khotanês Shikshananda (于闐國實叉難陀, 652-710 d.C.). Isso foi feito entre 695 e 699 d.C.²³ e tinha cinco capítulos adicionais, com o sutra *Gandavyuha* ainda no último lugar como o trigésimo nono capítulo. A tradução do *Gandavyuha* nesta versão varia pouco da de Budabadra, com algumas exceções: os dois últimos versos da seção Veṣṭhila foram adicionados, a montanha de Avalokiteshvara agora se chama Potalaka em vez de Prabha, e um breve verso de saudação aparece na seção final.²⁴

A versão de Shikshananda do *Budavatamsaka* tornou-se a base da escola Huayan do Budismo Chinês, *huayan* sendo a tradução chinesa de *avatamsaka* como "guirlanda de flores", e é a versão de Shikshananda que foi traduzida por Thomas Cleary para o Inglês como *The Flower Ornament Scripture*.²⁵ No Chinês de Shikshananda, o título do sutra *Gandavyuha* era 入法界品 (Ru fa jie pin), que poderia ter vindo do Sânscrito *Dharmadhatupraveśana-parivarta* e em Inglês poderia ser traduzido como *O Capítulo sobre Entrar no Reino do Dharma*. Thomas Cleary traduziu isso como *Entry into the Realm of Reality*, enquanto Douglas Osto traduziu como *Entry into the Realm of Dharma*, e Patrick Carré como *l'Entrée dans la dimension absolue* (Entrada na Dimensão Absoluta). O termo *dharmadhatupraveśana* ocorre no texto, como por exemplo no verso 44 do capítulo 1.

Há uma versão mais longa do sutra *Gandavyuha* que foi traduzida para o Chinês como um sutra independente em 798 pelo monge da cachemira Prajna. Esta foi a primeira entre as traduções chinesas a incluir "A Oração para a Conduta Completamente Boa."²⁶ A tradução de Prajna foi baseada em um manuscrito sânscrito que o rei de Orissa enviou como presente ao imperador chinês, que o recebeu em 795.²⁷ As adições na versão de Prajna não são encontradas em nenhuma edição sânscrita sobrevivente, nem são encontradas na tradução tibetana do início do século IX feita apenas algumas décadas após a tradução de Prajna. Na tradução de Prajna, o sutra *Gandavyuha* é chamado de *O Voto Relativo ao Curso de Conduta de Samantabhadra e a Entrada no Alcance da Libertação Inconcebível* (入不思議解脫境界普賢行願品, *Ru bu si yi jie tuo jing jie pu xian xing yuan pin*), que poderia ser reconstruído em Sânscrito como *Acintyavimokṣagocara-praveśanasamantabhadracaryāpranidhāna*.

Como mencionado, o sutra *Budavatamsaka* tornou-se a base da escola Huayan do Budismo Chinês. Li Tongxuan (635-730 d.C.) foi particularmente influente na disseminação dessa tradição, e ele escreveu um comentário (華嚴論, *Huayan lun*) sobre o sutra *Budavatamsaka*, no qual ele identifica uma estrutura e significado mais profundos na narrativa do *Gandavyuha*, e essa parte do comentário de Li Tongxuan foi traduzida para o Francês por Patrick Carré. Li também compôs um resumo desse comentário e uma sinopse capítulo por capítulo do próprio sutra *Budavatamsaka*.²⁸ Essa tradição se espalhou para a Coreia e o Japão, onde se tornou, respectivamente, as escolas Hwaeom e Kegon do budismo.

Gandavyuha e Borobudur

O sutra *Gandavyuha*, e em particular seu capítulo de Maitreya, foi uma inspiração para o que é provavelmente o maior monumento budista já construído: Borobudur na Indonésia. Foi construído no século IX pelos reis budistas da dinastia Śailendra em Java. A estrutura maciça possui uma série de terraços circulares que abrigam 504 estátuas e 2672 painéis esculpidos. Os terraços superiores, a terceira e quarta galerias, são totalmente dedicados ao *Gandavyuha*, com 460 painéis ilustrando o sutra.²⁹ Destes, parece que 218 painéis são dedicados ao capítulo de Maitreya, e dentre esses, vinte são dedicados à descrição do kutagara de Maitreya e trinta e cinco às várias manifestações de Maitreya.³⁰ Na verdade, 334 painéis são dedicados à conclusão do *Gandavyuha*: Maitreya, o breve retorno a Manjusri, Samantabhadra e a "Oração da Boa Conduta". Isso reflete a importância do *Gandavyuha* e, em particular, do kutagara de Maitreya - um edifício que encarnava a iluminação - para os construtores de Borobudur, que também estavam tentando criar um edifício que encarnasse a iluminação.

Embora o número de relatos de Sudhana encontrando kalyanamitras tenha crescido nas recensões sucessivas, eles não chegaram ao número dado no próprio sutra no capítulo 54, onde Maitreya afirma que Sudhana, após seu encontro inicial com Manjusri, visitou 110 kalyanamitras. Borobudur, possivelmente para concordar com essa declaração, tem esse número de painéis dedicados à ilustração dessa parte do *Gandavyuha*, mas mesmo assim não representa 110 kalyanamitras, mas sim repete a ilustração de certas visitas, além de retratar Sudhana viajando e retratando incidentes em vidas passadas dos kalyanamitras.³¹

O Sutra *Gandavyuha* no Tibete

O *Budavatamsaka*, traduzido para o Tibetano, é composto de quarenta e cinco capítulos e 115 fascículos, com o sutra *Gandavyuha* ainda mantendo sua posição como o último dos capítulos. De acordo com o Degé Kangyur, todo o sutra *Budavatamsaka*, incluindo o *Gandavyuha*, foi traduzido para o Tibetano por Yeshé Dé, Jinamitra e Surendrabodhi, o que teria sido durante o reinado do Rei Senalek (governou em cerca de 800/804-15) ou do Rei Ralpachen (governou de 815-36). Yeshé Dé e Jinamitra trabalhavam no Mosteiro de Samyé desde o reinado do Rei Trisong Detsen (governou de 742-98), mas Surendrabodhi parece ter vindo para o Tibete após Senalek, o filho mais novo de Trisong Detsen, tornar-se rei. Senalek foi sucedido por seu filho Ralpachen, cujo fim do reinado também viu o fim da tradução patrocinada pelo estado. Portanto, essa tradução parece ter sido feita entre 800 e 836, mas pode incorporar trabalhos de tradução ainda anteriores, particularmente no caso do *Gandavyuha*.

Na época da tradução do sutra para o Tibetano, no início do século IX, o número de capítulos do sutra *Avatamsaka* aumentou de trinta e nove para quarenta e cinco. Mas isso se deve principalmente à divisão no Tibetano do que é o capítulo 5 Chinês em capítulos 5 a 9, com algum material adicional, e os capítulos adicionais 11 e 32. Esta tradução tibetana fornece a primeira indicação de quando o quadragésimo quinto capítulo foi nomeado *Gandavyuha*.

De acordo com Tashi Wangchuk, que escreveu o colofão da edição Degé do século XVIII, e também de acordo com o historiador Ngorchen Könchok Lundrup (1497-1557), o *Budavatamsaka* é composto de sete sutras ou seções, enquanto Pekar Zangpo divide o primeiro destes em dois, fazendo oito seções.

Enquanto a versão chinesa do *Budavatamsaka* manteve o início tradicional do sutra *Gandavyuha* como um sutra independente, começando com "Assim ouvi..." e assim por diante, a versão traduzida para o Tibetano omite, assim como as versões sânscritas sobreviventes.

O sutra *Gandavyuha*, que em Tibetano é interpretado como significando, ambiguamente, o sutra do *O Arranjo de Caule*, é o quadragésimo quinto e último capítulo na versão tibetana do sutra *Budavatamsaka*, que é composto de quatro volumes, conforme encontrado no Degé Kangyur. Este capítulo é de longe o mais longo, começando no meio do terceiro volume e ocupando todo o quarto volume do *Budavatamsaka*. É composto por 72 dos 115 fascículos que compõem todo o sutra, começando com o fascículo 44 (o vigésimo quarto no volume Ga). Os fascículos referem-se aos feixes de páginas nos manuscritos sânscritos originais, geralmente unidos por dois furos no centro de cada página. Nesta tradução, o início de um fascículo é simplesmente marcado com a letra B (do Tibetano para *fascículo: bam po*) e um número, por exemplo, [B24].

A qualidade da tradução tibetana difere do restante do *Budavatamsaka*, seja por corrupção escritural ou por escolhas de tradução. O Tibetano tem peculiaridades não compartilhadas com outras partes do *Avatamsaka*. Por exemplo, ele retém a grafia arcaica de *myi* e *myed* em vez de *mi* e *med*. A tradução é menos confiável do que o habitual, pois contém omissões e erros de ortografia frequentes, possivelmente acidentais, que devem ter ocorrido no início da transmissão escritural, pois alguns desses erros no sutra são encontrados em todos os Kangyurs.

Também exibe uma certa idiosincrasia de tradução, no sentido de que os termos podem não corresponder ao que foi estabelecido no *Mahāvvyutpatti* (*bye brag tu rtogs par byed chen po*) e *Madhyavyutpatti* (*sgra sbyor bam po gnyis pa*), os dicionários Sânscrito-Tibetanos do início do século IX produzidos dentro do mesmo projeto de tradução patrocinado pelo estado responsável pela tradução deste sutra. Por exemplo, *vyuha* é regularmente traduzido como *rgyan* ("adereço") em vez de *bkod pa* ("arranjo"), mesmo no

título do sutra, apesar de ser geralmente conhecido em tibetano como *sdong po bkod pa*. Essas e outras variações do título são abordadas no colofão editorial do *Avatamsaka* no Degé Kangyur (c.11).

De acordo com esse colofão, esta edição do *Avatamsaka* foi preparada em 1722. Isso foi oito anos antes do oitavo Tai Situpa Chökyi Jungné (1700-1774) iniciar seu trabalho como editor-chefe do Degé Kangyur. Ele afirma em seu relato da criação do Kangyur: "Comecei no ano do Cão de Ferro"³², que foi 1730, e a talha e impressão das xilogravuras de Degé não começaram até 1737 e foram concluídas em 1744. Foi, no entanto, feito sob o comando do Rei Degé Tenpa Tsering (1678-1738), como foi todo o Degé Kangyur, e, portanto, pode ser uma edição anterior que Situ incorporou em sua edição do Kangyur. O colofão também afirma que foi baseado no Lithang Kangyur, também conhecido como Jangsa Tham Kangyur. A criação deste Kangyur levou cinco anos, de 1609 a 1614. O Lithang foi a segunda impressão do Kangyur, que, de outra maneira, só existia em forma de manuscrito. A primeira impressão foi a Yongle em 1411.

Os colofões dos Kangyurs Narthang, Lhasa e Palácio Stok atribuem a tradução do *Budavatamsaka* a um Vairocanarakṣita: "Foi traduzido e revisado pelo editor-chefe Lotsawa Vairocanarakṣita". O grande mestre Sakya Ngorchen Könchok Lhundrup também afirma que o tradutor foi Vairocanarakṣita.

No colofão do editor no Degé, afirma-se: "Ensina-se que Surendrabodhi e Vairocanarakṣita tornaram-se editores principais para uma tradução chinesa". Como o mestre indiano Surendrabodhi veio ao Tibete durante o reinado do Rei Senalek (ca. 800/804-15), a identidade desse Vairocanarakṣita é um mistério, pois ele não poderia ser o tradutor Vairocanarakṣita do século XI, nem poderia ser o Vairocana do século VIII. Tashi Wangchuk acrescenta: "Não vi nenhum outro texto ou história de uma tradução feita por qualquer lotsawa ou paṇḍita além daqueles listados no colofão desta tradução para o Tibetano", rejeitando aparentemente a atribuição de Vairocanarakṣita como o tradutor.

Traduções nas línguas Ocidentais

O sutra *Gandavyuha* foi traduzido da versão chinesa de Budabadra para o Alemão por Dōi Torakazu como *Das Kegon Sutra, Das Buch vom Eintreten in den Kosmos der Wahrheit* em 1978.

Todo o sutra *Avatamsaka* foi traduzido do Chinês por Thomas Cleary e publicado em 1993 como *The Flower Ornament Scripture*. O sutra *Gandavyuha* está incluído como o capítulo final, capítulo 39, sob o título "Entrando no Reino da Realidade".

A versão de Shikshananda foi traduzida do Chinês para o Francês por Patrick Carré. Ainda não há tradução da versão chinesa mais longa, que foi traduzida pelo cachemir Prajna em 798.

Houve traduções parciais não publicadas do Sânscrito por Mark Allen Ehman em 1977 e Yuko Ijiri em 2005.

Douglas Osto traduziu a primeira parte do capítulo 1 e os capítulos 3, 54 e 55 do Sânscrito do *Gandavyuha*, com seu título dado como *The Supreme Array*. Eles estão disponíveis para leitura em seu site.³³ Ele também incluiu trechos de outros capítulos do sutra em seu livro *Power, Wealth and Women in Indian Mahāyāna Buddhism: The Gandavyuha-sutra*.

O Significado do Título na Tradução Tibetana

Como mencionado acima, o título do sutra em traduções chinesas difere dos títulos tibetanos, e o sutra era evidentemente conhecido por outros nomes em séculos anteriores. No entanto, no século IX, ficou conhecido por este obscuro título *Gandavyuha*. Esta tradução segue o significado ambíguo atribuído a ele pelos tradutores tibetanos do início do século IX.

Existem duas versões do título tibetano. No Kangyur, o título é mencionado apenas no colofão, onde é dado como *sdong pos rgyan*. Como afirmado acima, *rgyan* ("adereço") é usado em toda parte como tradução de *vyuha* em vez do usual *bkod pa* ("arranjo"). No entanto, geralmente é referido na literatura tibetana como *sdong po bkod pa*. O composto sânscrito não indica a conexão gramatical entre os dois termos *ganda* e *vyuha*, mas o *sdong pos rgyan* do colofão do Kangyur atribui um caso instrumental a *gandha*, enquanto seu título popularmente conhecido *sdong po bkod pa* não tem tal caso. Nem o Sânscrito nem o Tibetano especificam se *ganda* é singular ou plural. O título parece não ter conexão com o conteúdo, a menos que seja tomado como referência às juntas sucessivas em um caule de bambu, como uma analogia às sucessivas etapas na jornada de Sudhana.

Ganda em Sânscrito Híbrido Budista pode ter dois significados: "caule" ou "talo" e "pedaços" ou "partes" ou "seções", e o Páli especifica que, como uma variação de *gaṇṭha*, pode significar a seção entre as juntas de um caule, além de coisas como inchaço, furúnculo, excrescência e assim por diante. Como o sutra é composto por uma série de episódios em que Sudhana encontra uma sucessão de mestres, o significado pretendido poderia muito bem ter sido "um arranjo de partes" ou, mais livremente, "uma série de episódios". O único uso da palavra *ganda* no próprio sutra está dentro de um composto no verso 112 no capítulo de Maitreya: *pañcagaṇḍaticakramohitam*. *Pañcagaṇḍika* é um termo BHS padrão para as cinco classes de existência, e, portanto, esse composto poderia ser traduzido como significando "a ignorância da roda das cinco seções da existência", referindo-se a infernos,

pretas, animais, humanos e devas. No entanto, como os significados de *ganda* podem incluir furúnculo, bolha, abscesso, bócio, bochecha ou bolha (além de arreios, botões, juntas, ossos e assim por diante), o Tibetano aqui traduz *ganḍa* como "bolha" (*shu ba*) de modo que a tradução tibetana deste composto é *shu ba'i lam rgyud lnga yi 'khor lor rmongs* ("a ignorância das rodas das bolhas das cinco existências"), o que parece improvável que tenha sido o significado original pretendido.

Douglas Osto também aponta que *ganda* tem sido usado como o primeiro elemento de um composto em Sânscrito para significar "grande" ou "supremo", e, portanto, ele traduziu *Gandavyuha* como "Arranjo Supremo", o que seria um título razoável.

No entanto, a tradução em Inglês do título aqui, "*Stem Array*" (*Arranjo de Caule*), segue a versão mais conhecida do título tibetano, preservando sua peculiar ambiguidade, enquanto o título menos familiar, como dado no colofão, poderia ter sido traduzido como "Um Adorno de Caules".

O Significado do Título *Budavatamsaka Sutra*

O título do sutra em que o *Gandavyuha* é o capítulo final também foi interpretado de várias maneiras. A palavra *Avatamsaka* é uma substantivação de *avatamsa*. Em Sânscrito clássico, *avatamsa* descreve uma guirlanda ou qualquer ornamentação circular. Por exemplo, *karṇāvatamsa* (*avatamsa* de ouvido) significa "brinco". Uma tradução tibetana peculiar de *Budavatamsaka* é "brinco do Buda" (*snyan gyi gong rgyan*). Um *kusumāvatamsa* (*avatamsa* de flor) é uma guirlanda de flores que é usada por uma pessoa, daí outra tradução tibetana de *Budavatamsaka* ser "guirlanda do Buda", usando uma palavra arcaica obscura para guirlanda que tem várias grafias (*rmad ga chad*, *rma ga chad* ou *rmag chad*). Thomas Cleary, traduzindo para o Inglês do Huayan Chinês, chama de *Ornamento das Flores*. No entanto, no Sânscrito Híbrido Budista (BHS), *Avatamsaka* significa "um grande número", "uma multidão" ou "uma coleção". Portanto, temos a versão tibetana do título como *Uma Multidão de Budas* (*sangs rgyas phal po che*). *phal po che* é usado em outros lugares no Kangyur para traduzir palavras sânscritas que significam "multidão", como *nicaya*, para "uma grande assembleia de seres" (*skye bo phal po che para mahat janakāya*). Embora este seja o título dado em todos os Kangyurs, alguns, como o Unga e o Degé, têm o título *Guirlanda de Flores* (*rma ga chad*) no final de cada capítulo, uma possível indicação de que esta foi a tradução anterior do título, que foi deixada inalterada no corpo do texto. No entanto, o dicionário *Mahāvvyutpatti* tem *phal po che* para *Avatamsaka*, e nem *rma ga chad* nem suas formas variantes aparecem em nenhum lugar no dicionário. Essa contradição entre os colofões dos capítulos e o título principal está ausente nos Kangyurs de Lhasa, Palácio Stok, Narthang, Lithang e Shelkar. Esta tradução segue o exemplo destas últimas versões para evitar uma contradição tão evidente.

Qualquer que seja o significado pretendido do título, o sutra *Budavatamsaka* retrata uma multidão de budas, entre os quais estão multidões do Buda Shakyamuni, todos emanados pelo Buda Vairocana.

Durante o curso do sutra *Budavatamsaka*, descobrimos que o Buda Shakyamuni é apenas uma das inúmeras manifestações do Buda Vairocana. Shakyamuni é até mesmo referido como o Buda Vairocana. O Buda Shakyamuni é retratado como estando simultaneamente presente em vários locais em nosso reino mundial: na Árvore Bodhi, no paraíso Trāyastriṃśā de Indra, que está no cume do Sumeru, nos paraísos Yama e Tushita acima de Sumeru, e no paraíso mais alto no reino do desejo - o paraíso Paranirmitavaśavartin. Shakyamuni também é retratado como estando presente nesses mesmos locais não apenas em nosso reino mundial, mas em inúmeros outros reinos mundiais. O Buda Vairocana orou para se manifestar dessa maneira e ter vastas assembleias que suas manifestações ensinariam, e esses budas são o resultado de sua oração. De acordo com o sutra *Budavatamsaka*, não apenas Vairocana é a fonte de todos os budas em todos os lugares, mas todos os bodisatvas que esses budas ensinam foram anteriormente alunos do Buda Vairocana.

Esta representação de Shakyamuni como uma emanção de Vairocana tem seu precedente em um sutra que nunca foi traduzido para o Tibetano, o Brahmajāla Sutra, que apresenta o Buda Vairocana como o buda que é a fonte de dez bilhões de Shakyamunis existindo simultaneamente em vários mundos. Este sutra não deve ser confundido com o Brahmajāla Sutra budista primitivo, que tem um título idêntico, mas conteúdo totalmente diferente. Este Brahmajāla Sutra foi traduzido para o Tibetano³⁴ e está incluído no cânon Páli.

O Buda Vairocana é, portanto, retratado no *Budavatamsaka* como o buda fundamental que é a fonte de inúmeras manifestações do Buda Shakyamuni. O Buda Vairocana também se tornaria mais tarde o buda central nas tradições tântricas, como a tradição Shingon do Japão, que se baseia particularmente no *Mahāvairocanābhisambodhi Tantra* (Toh 494).³⁵ Mesmo nos tantras superiores, Vairocana ainda mantém sua posição como o buda central no sistema da família dos cinco budas.

Quem é Sudhana e O Que é Um Śreṣṭhin?

Os painéis de Borobudur retratam Sudhana como um jovem príncipe com uma comitiva, enquanto existem representações chinesas e japonesas dele como uma criança obesa. Muitos anos se passam no decorrer de suas andanças. No capítulo 8, é afirmado que ele passou doze anos procurando o comerciante chefe Muktaka, então, mesmo que ele fosse uma criança no início, ele seria um adulto no final. No entanto, a passagem convencional do tempo não é uma característica deste sutra. Sudhana é apresentado como fazendo parte de

um dos quatro grupos que vêm ver Manjusri quando ele vai para o sul da Índia. Existem leigos - os *upāsakas* masculinos e as *upāsikās* femininas - e *dārakas* e *dārikas* ("filhos e filhas" ou "meninos e meninas"), que, como o composto *strīpuruṣadāraka-dārikāḥ* muito mais tarde no sutra, parecem implicar pais e seus filhos, e isso é especificamente indicado quando Mahāprajña, o primeiro dos onze *upāsakas* nomeados, é identificado como o pai da primeira das filhas. No entanto, a definição dos termos *dāraka* e *dārika* inclui homens e mulheres solteiros até os vinte anos de idade, e cada um desses filhos e filhas que vêm encontrar Manjusri é acompanhado por uma comitiva. Portanto, a implicação é que Sudhana não é uma criança, mas presumivelmente tem cerca de dezoito ou dezenove anos. Como Sudhana é o primeiro dos onze filhos nomeados listados, a implicação parece ser que, como o mais proeminente dos filhos, ele também é filho de Mahāprajña. A única descrição de sua família é a vasta e milagrosa riqueza que eles obtiveram com seu nascimento.

Ao longo do sutra, ele é referido como um *śreṣṭhidāraka*. A palavra *śreṣṭhin* em Sânscrito clássico pode significar "distinto", "eminente", "uma pessoa de alta posição" e, mais especificamente, o presidente de um sindicato ou um comerciante chefe. Edgerton, para o Híbrido Budista, dá "líder de guilda" e "capitalista". O equivalente Páli *seṭṭhi*, de acordo com o dicionário da *Pali Text Society*, pode significar "o capataz de uma guilda", "um tesoureiro", "um banqueiro" ou "um comerciante rico". Douglas Osto, em *Power, Wealth and Women in Indian Mahāyāna Buddhism: The Gandavyuha-Sutra*, usou "filho de comerciante-banqueiro" para descrever Sudhana, mas posteriormente em sua tradução de partes do sutra ele usou o mais simples "filho de comerciante". Cleary e Carré, traduzindo do chinês, têm, respectivamente, "jovem" e *jeune* ("jovem"), omitindo uma tradução de *śreṣṭhin*. Aqui sigo a tradução tibetana de *śreṣṭhin* como *tshong dpon*, literalmente "comerciante chefe".

No capítulo 8, Mukta é simplesmente chamado de *śreṣṭhin*, traduzido para o Tibetano como *tshong dpon* ("comerciante chefe"), e esta tradução segue o Tibetano, embora seu trabalho não seja descrito. Cleary traduz *śreṣṭhin* como "homem distinto" e também com o adjetivo "nobre"; Carré, traduzindo do Chinês, tem *ainé* ("mais velho" ou "superior").

No capítulo 18, Ratnacūḍa é dito ser um *dharmasreṣṭhin*, que foi traduzido para o Tibetano como *chos kyi tshong dpon*, literalmente "comerciante chefe do Dharma", presumivelmente significando que ele é um rico patrono do Dharma. Cleary traduz como "pessoa eminente" e "eminente religiosa", enquanto Carré traduz do Chinês simplesmente como *ainé* ("mais velho" ou "superior"). Ratnacūḍa está duas vezes associado a um mercado na narrativa e, portanto, parece ser um comerciante extremamente rico, e sua casa de ouro de dez andares está cheia de atividades do Dharma e até mesmo de visões de budas e bodisatvas.

No capítulo 19, Samantanetra é dito ser um *gāndhikasreṣṭhin*, traduzido para o Tibetano como *tshong dpon spod tshong* ("comerciante chefe vendedor de perfume"). Cleary

traduz isso como "perfumista eminente", o que corresponderia ao Sânscrito, e Carré simplesmente tem *ainé* ("mais velho" ou "superior"), omitindo referência a *gāndhika*.

No capítulo 24, Utpalabhūti também é chamado de *gāndhikaśreṣṭhin*, traduzido para o Tibetano de forma ligeiramente diferente do capítulo 19 como *spod tshong gi tshong dpon*. Cleary novamente traduz isso como "perfumista eminente", enquanto Carré simplesmente tem *parfumeur* ("perfumista" ou "vendedor de perfume"), omitindo referência a *śreṣṭhin*.

No capítulo 26, Jayottama é simplesmente chamado de *śreṣṭhin*, traduzido para o Tibetano como *tshong dpon* ("comerciante chefe"). Cleary traduz como "homem eminente" e Carré, traduzindo do Chinês, tem *marchand* ("comerciante"). No entanto, na narrativa não há menção do trabalho que ele faz, mas sim que ele está aconselhando chefes de família sobre deveres cívicos, fazendo-o em termos do Dharma.

Os Números

Os capítulos 10 e 15 do *Gandavyuha* têm duas longas listas de números que demonstram os inúmeros seres pelos quais os bodisatvas buscam a iluminação. Qualquer número, não importa quão grande, não encapsula o escopo de sua agenda salvadora. Essas duas listas de números deveriam ser idênticas. Como esta é uma lista única de números, eles se mostraram muito suscetíveis à corrupção ou omissão. Existem diferenças entre as duas listas no Sânscrito sobrevivente e também para as mesmas listas em diferentes edições sânscritas. Além disso, os mesmos números foram traduzidos de maneira diferente para o Tibetano nos dois capítulos, embora a tradução no capítulo 10 do *Gandavyuha* seja reproduzida exatamente no capítulo 36 ou no 36º sutra no *Avatamsaka* como *O Ensino sobre o Uso de Números quando Questionado por Cittarāja*.³⁶ As listas do *Gandavyuha* foram registradas no dicionário Sânscrito-Tibetano *Mahāvvyutpatti*, revelando não apenas que variações já existiam, mas que também diferiam das versões do Kangyur. O Chinês deveria ser a testemunha mais antiga do estado das listas. No entanto, Budabadra e Shikshananda omitiram a maioria dos números no capítulo *Gandavyuha*, em vez disso, escreveram "e assim por diante" e pularam para o último número. Portanto, eles não são encontrados nas traduções de Carré, e Cleary reproduz a versão encontrada no Sânscrito. Enquanto isso, Prajna registrou a lista em fonética chinesa. A fonética dos ideogramas chineses variou ao longo do tempo e das regiões, mas ainda é capaz de dar uma indicação da lista. No entanto, por ser uma longa sequência de nomes para números incontáveis, pode ter sofrido os mesmos defeitos através de cópias sucessivas. Além disso, Shikshananda transliterou a lista como ocorre no capítulo 36 do *Avatamsaka*. Em nossa tradução, há uma tentativa de complementar as omissões que ocorreram nas duas listas e encontrar a grafia sânscrita correta para os números, com o registro *Mahāvvyutpatti* dos números sendo particularmente importante, para criar uma uniformidade entre as listas. Algumas das formas registradas dos

números no capítulo 15 têm o caso nominativo em -u, o que pode muito bem ser um remanescente do Sânscrito Híbrido Budista original do sutra. Pode nunca ser possível determinar a condição original das listas, mas seu propósito não era criar uma ferramenta matemática confiável, mas sim sobrecarregar a mente com uma vastidão inconcebível de números. Portanto, uma quantidade desproporcional de tempo foi gasto nessas páginas de números, embora um leitor possa muito bem pular sobre elas.

O sistema de enumeração atinge números de valor tão enorme que ultrapassam até mesmo o extenso sistema de nomes para grandes números que foram desenvolvidos em Inglês nos tempos modernos, sendo o mais alto o *googolplex* (um 1 seguido por cem zeros, e a fonte para o nome e verbo Google). Mesmo um número tão grande é diminuído pela vastidão do universo do *Gandavyuha*, onde até mesmo dentro de cada átomo existem tantas budas quantos átomos no total. Portanto, uma tentativa de fornecer nomes equivalentes em Inglês fracassou, e a inconsistência no tibetano resultou na escolha dos nomes sânscritos para esta tradução, embora os vários equivalentes ou variantes tibetanos, chineses e sânscritos sejam fornecidos nas notas de rodapé.

Desafios da Tradução

Embora a tradução seja baseada na edição Degé, e os números dos fólhos Degé xilografados estejam incluídos na tradução, é a Edição Comparativa do Degé que se mostrou inestimável, pois contém anotações detalhadas das discrepâncias com outras edições do Kangyur, muitas vezes revelando erros no Degé. Alguns desses erros são evidentemente resultado de um copista que ouviu mal uma palavra ditada por um leitor. O sutra existiu apenas em cópias manuscritas por cinco séculos antes da primeira impressão em xilografia (a edição Yongle feita na China) em 1410. Não incluído na Edição Comparativa, mas consultado para esta tradução, está o Kangyur do Palácio Stok, que pertence a outro grupo de Kangyurs e ocasionalmente esteve sozinho na preservação da ortografia correta, por exemplo, *rnyi* ("armadilha") traduzindo o Sânscrito *jāla* ("rede") enquanto todos os outros Kangyurs disponíveis têm *snying* ("essência" ou "coração").

O Sânscrito muitas vezes fornece uma testemunha quanto a qual Kangyur tem a ortografia correta. Os manuscritos sânscritos estão tão sujeitos à corrupção quanto os manuscritos tibetanos, e os manuscritos sânscritos sobreviventes datam de um período posterior à tradução tibetana. Às vezes, o Tibetano está evidentemente traduzindo de uma palavra semelhante à do Sânscrito atualmente disponível, e, portanto, pode ter sido traduzido de um manuscrito em que determinadas palavras ainda não estavam corrompidas, ou pode estar traduzindo de um manuscrito que continha um erro. As traduções chinesas são a testemunha mais antiga do estado do sutra em Sânscrito; às vezes o Chinês concorda com o Tibetano e às vezes com o Sânscrito disponível. O trabalho de nosso consultor chinês, Ling

Lung Chen, tem sido esclarecedor nesse aspecto. Um exemplo de onde o Tibetano e o Chinês estão corretos e o Sânscrito atual não está: onde mukha ("portal") foi erroneamente escrito como sukha ("felicidade"). Há também casos em que o significado clássico do Sânscrito de uma palavra foi incorretamente adotado para a tradução tibetana em vez do significado do Sânscrito Híbrido Budista. Outro problema é a omissão inadvertida de palavras, particularmente em listas, que pode ter ocorrido no manuscrito sânscrito usado ou no início do processo de cópia de manuscritos no Tibete. Essas palavras ausentes estão incluídas na tradução, mesmo que o significado não seja afetado por sua omissão.

O Sânscrito também foi útil quando o significado na tradução tibetana é vago e aberto à interpretação ou parece duvidoso em sua precisão. Outro desafio particular deste sutra é a repetição de longos compostos descritivos que não são frases prontas e pretendem ser esmagadores, descrevendo qualidades além do alcance da mente comum. O significado das palavras neste contexto e sua interrelação está aberto a uma interpretação mais ampla do que o habitual; por exemplo, se *sarva* ("todo") inicia um composto, tem sido aberto à interpretação quanto à parte do composto a que se refere. De um modo geral, porém, nesta tradução segue-se a interpretação tibetana, a menos que pareça haver um erro evidente (e anotado) ou uma omissão inadvertida. Casos de discrepâncias entre o Tibetano, o Sânscrito e o Chinês são incluídos nas notas.

O Tibetano não possui os casos precisos que o Sânscrito possui; portanto, o Sânscrito tem sido inestimável na indicação de singular ou plural, bem como de onde, em longas passagens, os compostos mudam de caso, como de nominativo para instrumental na longa passagem descrevendo Sudhana no início do capítulo 56.

Além disso, quando compostos Sânscritos são traduzidos para o Tibetano, nem sempre é claro onde um composto termina e o outro começa. Isso às vezes é indicado pelo *shad*, a linha vertical na ortografia tibetana, mas, como indica o colofão do editor tibetano, a colocação do *shad* é às vezes arbitrária e confusa, provavelmente resultado do processo de cópia, pois alguns dos erros são evidentemente erros de transcrição ao ouvir o texto sendo lido. A edição sânscrita de Vaidya em letras romanas adicionou pontuação que nem sempre concorda com a interpretação tibetana da estrutura da frase. A edição de Suzuki do Sânscrito também foi útil para encontrar erros de transcrição no Vaidya. O Tibetano também tende a traduzir os prefixos das palavras sânscritas, enquanto uma tradução direta do Sânscrito para o Inglês escolheria uma palavra do vocabulário Inglês mais extenso. Esta tradução tende a seguir esta abordagem em vez da tradução de prefixos. As palavras podem ser multivalentes em Sânscrito, seu significado alterado de acordo com o contexto, e podem até ser interpretadas como tendo mais de um significado simultaneamente. Existem poemas sânscritos escritos com um vocabulário cuidadosamente escolhido para criar versos que podem ser lidos como tendo dois significados diferentes. Existem alguns termos neste sutra em que uma escolha de tradução necessariamente significa rejeitar outro significado possível; por exemplo, *vajra* pode se referir a um raio ou a um diamante, e esses dois podem ser vistos

nessa cultura como idênticos. Em particular, porém, existem dois termos proeminentes neste sutra que apresentam tal problema: *Dharmadhatu* e *samantabhadrabodhisattvacaryā*.

A palavra *dharmadhatu* é um composto formado por dois elementos: *dharmā* e *dhātu*. *Dharma* tem um grande número de significados, desde "os ensinamentos do Buda" até "lei", "justiça", "qualidades", "natureza", "fenômenos" e assim por diante, enquanto *dhātu* pode indicar um reino, um elemento ou um constituinte e pode ser usado para significar elementos sensoriais, as relíquias da cremação de um ser iluminado e assim por diante. No termo *lokadhātu*, usado repetidamente neste sutra, *dhātu* pode significar "reino", como em "reino mundial" ou "um reino de mundos". O termo *dharmadhatu* tem sido usado para significar "essência ou verdadeira natureza dos fenômenos", como o vazio, e assim o título chinês, que poderia ser traduzido como *Entrando no Dharmadhatu*, foi traduzido por Carré como *l'Entrée dans la dimension absolue (Entrada na Dimensão Absoluta)* e por Cleary como *Entrando no Reino da Realidade*. Osto usou o mais literal "reino do Dharma", que em certos contextos foi usado nesta tradução. No entanto, muitas vezes o significado parece ser "o reino dos fenômenos" quando se diz que algo se espalha em todos os lugares, e ocasionalmente pode significar ambos ou simultaneamente ambos.

A ambiguidade de *samantabhadrabodhisattvacaryā* se reflete em diferentes traduções. É um composto usado repetidamente no sutra, e a questão é se *samantabhadra* ("completamente bom") é um adjetivo para *bodhisattva-caryā* ("conduta de bodhisattva") ou se significa a conduta do bodhisattva Samantabhadra. A sequência das palavras no composto (isso não é evidente no Tibetano) pareceria significar o primeiro significado, mas seu uso no capítulo Samantabhadra parece indicar o último. Às vezes, pode significar ambos simultaneamente.

Nem o Tibetano nem o Chinês - e, portanto, nem o Sânscrito do qual foram traduzidos - tinham uma divisão do *Gandavyūha* em capítulos. O Sânscrito posterior tem uma divisão em cinquenta e seis capítulos, e porque isso tornará a leitura do sutra muito mais fácil e acessível para o leitor em Inglês, essa divisão de capítulos foi adotada para esta tradução.

Sumário Detalhado do Sutra do Arranjo de Caule

Capítulo 1: Introdução

O Buda Shakyamuni está em Jetavana, em Shravasti, com cinco mil bodisatvas e quinhentos shravakas. Eles desejam um ensinamento, então o Buda entra em samadhi e inúmeros reinos búdicos aparecem dentro de um vasto kutagara. Bodisatvas de outros reinos também vêm para Shravasti. Os shravakas, por falta de mérito, não conseguem ver essa exibição milagrosa. Então, dez bodisatvas que vieram das dez direções recitam versos descrevendo o que aconteceu.

Capítulo 2: Samantabhadra

O bodisatva Samantabhadra recita versos aos bodisatvas, descrevendo a inconcebível pervasão dos fenômenos pelos budas. Além disso, o Buda, ainda em samadhi, emite um raio de luz entre as sobrancelhas, para que os bodisatvas possam ver esses inúmeros reinos búdicos. Em grande alegria, os bodisatvas emanam inúmeras manifestações. Ao ver isso, Manjusri recita versos descrevendo o evento.

Capítulo 3: Manjusri

Por meio da bênção do Buda, Shariputra consegue ver Manjusri, que está partindo para o sul da Índia. Acompanhado por seus sessenta discípulos, ele segue Manjusri. Ele elogia Manjusri ao seu discípulo Sāgarabuddhi. Todos vão até Manjusri e prestam-lhe homenagem, e Manjusri ensina-lhes dez motivações. Então, Manjusri vai para a Floresta Vicitrasāladhvajavyūha, perto da cidade de Dhanyākara. Os leigos da cidade, ao saberem que Manjusri está na floresta, vão vê-lo. Entre eles está Sudhana, filho de um upāsaka proeminente. Manjusri descreve os milagres que ocorreram no nascimento de Sudhana, elogia-o e ensina-o, bem como aos outros, sobre a natureza dos budas. Manjusri parte; Sudhana o segue e, em versos, o elogia e pede ensinamento. Manjusri o instrui a desenvolver a conduta de bodisatva, confiando em kalyanamitras. Ele diz a ele para ir ao bhikkhu Meghāśrī, que está no Monte Sugrīva, na terra meridional de Rāmāvarānta.

Capítulo 4: Meghāśrī

Sudhana chega a Rāmāvarānta e encontra o bhikkhu Meghāśrī caminhando em um platô no cume de uma montanha. Meghāśrī descreve como pode ver todos os tathagatas em todas as direções. No entanto, ele afirma que seu conhecimento é limitado e não pode descrever as diversas realizações que permitem a outros bodisatvas verem todos os tathagatas, e instrui Sudhana a ir ao bhikkhu Sāgaramegha em Sāgaramukha para receber instruções sobre o caminho do bodisatva.

Capítulo 5: Sāgaramegha

Sudhana encontra Sāgaramegha, que descreve como, ao se concentrar no oceano e em suas qualidades por doze anos, viu um buda sentado em um lótus precioso gigante surgir do oceano, com inúmeras divindades de vários tipos prestando homenagem a esse buda, que lhe deu um ensinamento chamado Olhos Que Tudo Vêem, que era tão vasto que nem mesmo um capítulo dele poderia ser escrito. Sāgaramegha então deu esse ensinamento aos seres não humanos que vieram de todas as direções. No entanto, ele afirma que seu conhecimento está limitado a esse ensinamento e instrui Sudhana a ir receber instruções sobre o caminho do bodisatva do bhikkhu Supratiṣṭhita em Sāgaratīra.

Capítulo 6: Supratiṣṭhita

Sudhana procura por Supratiṣṭhita e finalmente o vê caminhando no céu, acompanhado por uma vasta reunião de diversos tipos de deidades, que lhe prestam homenagem. Supratiṣṭhita afirma que atingiu uma sabedoria chamada ápice ilimitado, de modo que conhece vidas passadas, todos os budas passados, todas as línguas, quando guiar os seres, e assim por diante, e pode realizar todos os tipos de milagres. No entanto, ele afirma que seu conhecimento está limitado a essa libertação e instrui Sudhana a ir receber instruções sobre o caminho do bodhisattva de um dravidiano chamado Megha, na cidade de Vajrapura, na terra de Draviḍa.

Capítulo 7: Megha

Sudhana encontra Megha ensinando em um trono em um pátio na cidade de Vajrapura. Megha desce de seu trono e faz muitas oferendas a Sudhana. Ele elogia os bodisattvas através de várias analogias, e raios de luz brilham de sua boca, se espalhando por todo o universo. Muitas deidades de vários tipos vêm ouvir. Então Megha volta a sentar-se em seu trono e afirma que atingiu o poder de retenção de Sarasvatī, de modo que conhece as línguas de todos os diferentes tipos de deidades e outros seres em todos os mundos. No entanto, ele afirma que seu conhecimento está limitado a esse poder de retenção de Sarasvatī, e instrui Sudhana a ir receber instruções sobre o caminho do bodhisattva de um comerciante chefe chamado Mukṭaka, na terra de Vanavāsī.

Capítulo 8: Mukṭaka

Após doze anos, Sudhana chega a Vanavāsī e encontra Mukṭaka. Mukṭaka entra em um estado de meditação através do poder de retenção chamado a assembleia de todos os reinos búdicos, e inúmeros budas, seus feitos, seus reinos e seus discípulos tornam-se visíveis dentro de seu corpo. Ele sai de sua meditação e afirma que, através da libertação chamada exibição ilimitada, ele pode ver qualquer buda em qualquer reino ou tempo que desejar, e está ciente de que as percepções de sua mente são ilusões da própria mente e que todo o alcance é o

alcance da mente. No entanto, ele afirma que seu conhecimento está limitado a essa libertação chamada exibição ilimitada, e instrui Sudhana a ir receber instruções sobre o caminho do bodisatva de um bhikkhu chamado Sāgaradhvaja, na terra de Milaspharaṇa, na ponta sul da Índia.

Capítulo 9: Sāgaradhvaja

Sudhana chega a Milaspharaṇa e encontra o bhikkhu Sāgaradhvaja sentado em meditação no final de um caminho de meditação. Ele está emanando vários tipos de seres, bodisatvas e budas de diferentes partes de seu corpo, e essas emanações estão se espalhando por todos os reinos búdicos, realizando vários tipos de atividades. Sudhana senta-se diante dele por seis meses e seis dias, até que Sāgaradhvaja se levanta de seu samadhi. Ele descreve a Sudhana a natureza do samadhi que atingiu, mas afirma que seu conhecimento está limitado a isso e o instrui a ir pedir ensinamento à upasika Āśā em um parque fora da cidade de Mahāprabhasa.

Capítulo 10: Āśā

Sudhana chega ao Parque Samantavyūha, que é miraculosamente belo e feito de substâncias preciosas. A upasika Āśā está sentada em um trono dentro de um palácio magnífico, com vastos números de seres de vários tipos prestando-lhe homenagem. Ela diz a Sudhana que atingiu a libertação bodisatva chamada a bandeira da felicidade sem tristeza e conta seu passado como discípula de inúmeros budas. Ela enfatiza como os bodisatvas são dedicados ao bem-estar de todos os seres. No entanto, como seu conhecimento está limitado à sua libertação bodisatva, ela o instrui a ir ao rishi Bhīṣmottaranirghoṣa na terra chamada Nālayu.

Capítulo 11: Bhīṣmottaranirghoṣa

Sudhana chega a Nālayu e encontra o rishi Bhīṣmottaranirghoṣa, junto com dez mil jovens discípulos brâmanes, em um ashram em uma floresta miraculosamente bela. Bhīṣmottaranirghoṣa conta a seus discípulos a grandeza de Sudhana, e eles fazem oferendas a ele. Bhīṣmottaranirghoṣa diz a Sudhana que ele atingiu a libertação bodisatva chamada a bandeira de ser invencível aos outros. Ele coloca a mão na cabeça de Sudhana, e Sudhana vê inúmeros reinos búdicos e ouve os ensinamentos desses budas por inúmeros kalpas. Quando Bhīṣmottaranirghoṣa retira a mão, Sudhana está de volta à floresta naquele mesmo momento. Bhīṣmottaranirghoṣa diz que seu conhecimento está limitado a essa libertação bodisatva e o instrui a ir ao brâmane Jayoṣmāyatana na terra de Īṣāṇa.

Capítulo 12: Jayoṣmāyatana

Sudhana encontra o brâmane Jayoṣmāyatana realizando a prática ascética de sentar-se sob um penhasco cercado por quatro fogos e sob o sol do meio-dia. Ele diz a Sudhana que, se ele subir ao topo do precipício acima dele e pular no fogo, ele terá conduta pura. Ao ouvir isso, Sudhana tem dúvidas sobre Jayoṣmāyatana, mas deidades aparecem no céu descrevendo

como o ascetismo de Jayoṣmāyatana os beneficiou no caminho para a budidade. Sudhana então obedece às instruções do brâmane, e saltando para o fogo, ele sai ileso e atinge o samadhi. Jayoṣmāyatana então diz a Sudhana que seu próprio conhecimento está limitado a essa libertação bodisatva chamada o domínio incessante e, portanto, ele deve ir à Princesa Maitrayaṇī na cidade de Siṃhavijṛmbhita.

Capítulo 13: Maitrayaṇī

Sudhana encontra a Princesa Maitrayaṇī com uma comitiva de quinhentas donzelas em um palácio milagroso. Ela instrui Sudhana a olhar ao redor do palácio, e ele vê inúmeros budas em cada objeto. Ela diz a Sudhana que atingiu o portal da perfeição da sabedoria chamado a exibição completa da memória, mas como seu conhecimento está limitado a isso, ele deve ir ao bhikkhu Sudarśana na terra chamada Trinayana.

Capítulo 14: Sudarśana

Após uma longa busca, Sudhana encontra o bhikkhu Sudarśana atendido por devas enquanto pratica meditação caminhando em uma floresta. Ele diz a Sudhana que, em sua vida, ele foi discípulo de inúmeros budas por vastos períodos de tempo e percebe inúmeros budas enquanto pratica sua meditação caminhando. No entanto, seu conhecimento está limitado a essa libertação bodisatva chamada a lâmpada da sabedoria nunca extinta. Portanto, ele instrui Sudhana a ir a um menino chamado Indriyeśvara na cidade de Sumukha.

Capítulo 15: Indriyeśvara

Sudhana encontra Indriyeśvara brincando na areia com outras dez mil crianças. Indriyeśvara diz a Sudhana que foi discípulo de Manjusri e dominou todos os tipos de ramos do conhecimento. Em particular, ele relata em detalhes o sistema de enumeração que os bodisatvas usam. No entanto, seu conhecimento está limitado a esse portal chamado a sabedoria que possui clarividência em todos os ofícios. Portanto, ele instrui Sudhana a ir à upasika Prabhūtā na cidade de Samudrapraṭiṣṭhāna.

Capítulo 16: Prabhūtā

Sudhana encontra a jovem Prabhūtā em uma casa maravilhosa, vestindo uma simples túnica branca e sem joias, com apenas um pequeno pote diante dela e sem outras provisões em sua casa. Dez mil belas donzelas estão presentes como suas atendentes. Ela diz a Sudhana que atingiu a libertação bodisatva chamada a exibição incessante do tesouro do mérito. Por meio disso, ela é capaz de fornecer a inúmeros seres em todas as direções o que quer que desejarem de seu pequeno pote. Com a comida de seu pote, ela ajuda shravakas, pratyekabuddhas e bodisatvas em inúmeros reinos a atingir suas iluminações. Sudhana testemunha inúmeros seres chegando à sua casa e recebendo o que desejam do pote. Prabhūtā então diz

que, como seu conhecimento está limitado a essa libertação bodisatva, ele deve ir ao chefe de família Vidvān na cidade de Mahāsambhava.

Capítulo 17: Vidvān

Sudhana encontra Vidvān em um trono em uma plataforma no cruzamento do centro da cidade. Vidvān diz a Sudhana que atingiu a libertação bodisatva chamada o mérito que surge do tesouro da mente. Portanto, ele é capaz de fornecer aos seres o que eles desejam, e ele trouxe sua comitiva de dez mil músicos para o caminho da iluminação. Sudhana vê inúmeros seres chegando. Quando Vidvān olha para o céu, tudo o que os seres desejam cai nas mãos de Vidvān, e ele lhes dá. No entanto, Vidvān diz que seu conhecimento está limitado a essa libertação bodisatva e instrui Sudhana a ir ver o comerciante chefe e patrono do Dharma chamado Ratnacūḍa na cidade de Siṃhapota.

Capítulo 18: Ratnacūḍa

Sudhana encontra Ratnacūḍa no mercado da cidade. Ratnacūḍa o leva para sua casa de dez andares feita de ouro. Nos quatro primeiros andares, ele testemunha a atividade bodisatva de generosidade, e no quinto andar e acima, ele vê bodisatvas discutindo o Dharma. No décimo andar, todos os bodisatvas estão em sua última vida. Ratnacūḍa conta a Sudhana como no passado ele fez uma oferta de incenso a um buda e o aroma cobriu o mundo inteiro por uma semana. Isso resultou em sua obtenção da libertação bodisatva chamada a exibição ilimitada do campo de oração, através da qual ele pode ver todos os budas e bodisatvas. No entanto, como seu conhecimento está limitado a essa libertação bodisatva, ele instrui Sudhana a ir a um vendedor de perfumes chamado Samantanetra na cidade de Samantamukha.

Capítulo 19: Samantanetra

Sudhana encontra Samantanetra em uma loja de perfumes no meio da cidade. Samantanetra descreve como pode curar todas as doenças, curar seres e colocá-los no caminho da iluminação. Ele também é capaz de fazer uma oferta de perfume a todos os reinos búdicos. No entanto, seu conhecimento está limitado a esse portal chamado as formas de perfume que satisfazem todos os seres e através do qual de todas as maneiras se vê, faz oferendas e honra os budas. Portanto, ele o instrui a ir ao Rei Anala na cidade de Tāladhvaja.

Capítulo 20: Anala

Sudhana encontra o Rei Anala sentado no trono em julgamento sobre centenas de milhares de criminosos enquanto uma horda de terríveis algozes os pune de várias maneiras, criando um lago de sangue e uma montanha de partes do corpo. Sudhana tem dúvidas se o Rei Anala é um bodisatva, mas deidades aparecem no céu e dizem a ele para não duvidar. O Rei Anala leva Sudhana para seu palácio e explica que o que ele viu é uma ilusão que o rei cria para

inspirar os seres a evitar ações ruins. Ele afirma que seu conhecimento está limitado a essa libertação bodisatva chamada a conquista de ilusões e, portanto, instrui Sudhana a ir ao Rei Mahāprabha na cidade chamada Suprabha.

Capítulo 21: Mahāprabha

Após uma longa busca, Sudhana encontra a cidade de Suprabha, que parece ser miraculosamente feita de materiais preciosos. Ele encontra o Rei Mahāprabha sentado em um trono na cidade, junto com vastas quantidades de bens, animais e mulheres dispostos como presentes. O Rei Mahāprabha diz a Sudhana que atingiu a conduta bodisatva chamada a bandeira do grande amor de inúmeros budas. Ele fornece a todos em seu reino o que eles desejam. Ele afirma que alguns seres veem a cidade como ordinária, enquanto outros a veem como feita de materiais preciosos, e isso é de acordo com sua realização. O rei demonstra entrar em um samadhi que faz todo o país tremer. Seres, deidades e até mesmo montanhas e plantas se curvam em sua direção. Da mesma forma, ele traz felicidade e serenidade aos seres em inúmeros reinos. O Rei Mahāprabha afirma que seu conhecimento está limitado à bandeira do grande amor e o instrui a ir ver a upasika Acalā na cidade chamada Sthirā.

Capítulo 22: Acalā

Sudhana chega à cidade de Sthirā e encontra a upasika Acalā em casa com seus pais em uma casa brilhando com uma luz dourada que faz Sudhana entrar em estados de samadhi. Ela é extremamente bonita, brilhando de luz, e tem um aroma excepcional. Acalā descreve sua vida passada como princesa durante o tempo do Buda Pralambabāhu. Uma noite ela o viu brilhando no céu, e desde então ela seguiu suas instruções por muitos kalpas. Ela demonstra seu poder milagroso de revelar a ele uma visão de inúmeros reinos búdicos feitos de berilo. Ela afirma que sua conquista está limitada a certa conduta, samadhi e a libertação chamada a essência da sabedoria que é difícil de atingir, e ela instrui Sudhana a ir ver o parivrājaka Sarvagamin.

Capítulo 23: Sarvagamin

Após uma longa jornada, Sudhana chega à cidade de Tosala, na terra chamada Amitatosala. Tendo percorrido a cidade, ele vai a uma colina brilhante chamada Sulabha ao norte da cidade. Em seu cume, ele encontra Sarvagamin sendo honrado por dez mil brâmanes. Sarvagamin descreve como, através do samadhi chamado a luz da prática de todos os portais, ele pode beneficiar os seres de muitas maneiras em muitos mundos. Ele instrui Sudhana a ir ao comerciante de perfumes Utpalabhūti.

Capítulo 24: Utpalabhūti

Sudhana chega à terra chamada Pṛthurāṣṭra e encontra o comerciante de perfumes Utpalabhūti, que conta a Sudhana sobre seu domínio de perfumes que têm efeitos mágicos e espirituais. Ele diz a Sudhana para ir a um marinheiro chamado Vaira.

Capítulo 25: Vaira

Sudhana vai para a cidade de Kutagara e encontra o marinheiro Vaira no portão da cidade, à beira do oceano, onde está contando histórias do mar para cem mil comerciantes e muitas centenas de milhares de outras pessoas, descrevendo as qualidades do Buda. Ele diz a Sudhana que pratica a conduta bodisatva chamada a bandeira da grande compaixão, ajuda os seres de várias maneiras, conhece os locais das ilhas e tesouros e as maneiras de navegar no oceano, e leva os seres à iluminação através de seu ensino. No entanto, sua realização está limitada à libertação bodisatva chamada lembrar de permanecer com a audição e visão frutífera da bandeira da grande compaixão, e portanto ele instrui Sudhana a ir ver o comerciante chefe Jayottama.

Capítulo 26: Jayottama

Sudhana chega à cidade chamada Nandihāra e encontra Jayottama em uma floresta no lado leste da cidade, falando sobre deveres cívicos para muitas milhares de famílias. Ele conta a Sudhana como em muitos mundos ele ensina o Dharma, pacifica disputas e guerras, guia as pessoas para longe do mau comportamento e as coloca no caminho da iluminação. Ele diz a Sudhana para ir ver uma bhikkhuni chamada Siṃhavijrmbhitā.

Capítulo 27: Siṃhavijrmbhitā

Sudhana chega à cidade de Kaliṅgavana, na terra de Śroṇāparānta, e encontra Siṃhavijrmbhitā em um parque chamado Sūryaprabha que, devido ao seu poder milagroso, está coberto de joias e outras manifestações milagrosas. Há troncos aos pés das árvores de joias, em todos os quais Siṃhavijrmbhitā ensina o Dharma a vários tipos de seres e bodisatvas. Ela diz a Sudhana que atingiu a libertação bodisatva chamada erradicação de todo orgulho, que lhe permite ir em várias formas a vários mundos para fazer oferendas a budas e bodisatvas. Afirmando que sua realização é limitada, ela o instrui a ir ver uma cortesã chamada Vasumitrā.

Capítulo 28: Vasumitrā

Sudhana chega à cidade de Ratnavyūha, na terra de Durga, e procura a cortesã Vasumitrā. As pessoas que não conhecem suas qualidades se perguntam por que um praticante como Sudhana gostaria de vê-la. Aqueles que conhecem suas qualidades dizem a ele onde fica sua casa. É vasta, composta por muitos edifícios feitos de materiais preciosos e de aparência

divina. Ela é bonita e habilidosa em línguas e todas as artes e tratados. Seu corpo ilumina sua residência. Ela diz a Sudhana que assume uma forma bonita entre vários tipos de seres que estão sob o poder do desejo e os ensina o Dharma para libertá-los do desejo, e que eles também se libertam do desejo ao vê-la, tocá-la, beijá-la, e assim por diante. Ela descreve que em uma vida passada ela era esposa de um comerciante chefe que ofereceu um sino ao Buda Atyuccagāmin, que havia entrado em sua cidade acompanhado por eventos miraculosos. Manjusri era um assistente daquele buda e a colocou no caminho da iluminação. Ela afirma que sua conquista está limitada à libertação bodisatva chamada a conquista completa da liberdade do desejo e o instrui a ir ver o chefe de família Veṣṭhila.

Capítulo 29: Veṣṭhila

Sudhana vai para a cidade de Śubhapāraṃgama, onde encontra o chefe de família Veṣṭhila, que atingiu o samadhi chamado a exibição da família incessante dos budas quando abriu a porta de um santuário. Por meio desse samadhi, ele vê inúmeros budas do passado, presente e futuro. Ele instrui Sudhana a encontrar o bodisatva Avalokiteshvara.

Capítulo 30: Avalokiteshvara

Sudhana vai para a Montanha Potalaka e, em seu lado oeste, encontra Avalokiteshvara ensinando dentro de um bosque. Avalokiteshvara coloca sua mão radiante na cabeça de Sudhana e diz a ele que tem a atividade bodisatva chamada o portal ilimitado da grande compaixão. Ele descreve como beneficia os seres através de várias manifestações e emanações, libertando-os de vários tipos de medo. No entanto, sendo limitado a essa atividade, ele instrui Sudhana a ir à cordilheira Cakravāla para ver o bodisatva Ananyagāmin, que acabou de chegar de outro reino mundial no leste.

Capítulo 31: Ananyagāmin

Sudhana vai ver o bodisatva Ananyagāmin, que diz que no reino oriental de Śrīgarbhavatī ele atingiu a libertação bodisatva chamada o surgimento de todos os portais aos pés do Buda Samantaśrīsambhava, e que levou incontáveis kalpas para chegar a este mundo, embora tenha passado por incontáveis reinos a cada passo. Ele também fez oferendas a todos os budas nesses reinos e manifestou corpos para beneficiar os seres lá, e fez isso enquanto se aproximava deste mundo de todas as outras direções simultaneamente. Ele diz a Sudhana que sua conquista está limitada à libertação bodisatva chamada o surgimento de todos os portais e o instrui a ir ver a divindade Mahādeva.

Capítulo 32: Mahādeva

Sudhana chega à cidade chamada Dvāravatī e encontra a divindade Mahādeva em um templo no centro da cidade. Quando Sudhana pede instrução, ele estende seus quatro braços para os quatro grandes oceanos e traz água para enxaguar a boca. Ele elogia os bodisatvas, que

são tão difíceis de encontrar, e afirma que atingiu a libertação bodisatva chamada a rede de nuvens. Por meio dessa libertação, ele manifesta montes de joias e objetos preciosos diante de Sudhana para que ele use como oferendas aos budas a fim de ganhar mérito. Dessa forma, ele estabelece inúmeros seres na prática da generosidade. Ele manifesta feiura para aqueles com desejo, manifestações terríveis para os orgulhosos e perigos para os preguiçosos, para que sigam o Dharma. Como ele está limitado a essa libertação bodisatva, ele instrui Sudhana a ir do Sul da Índia para Magadha, no Norte da Índia, ao local da iluminação do Buda, e ver a deusa da terra Sthāvarā lá.

Capítulo 33: Sthāvarā

Sudhana deixa o sul da Índia e chega ao bodhimaṇḍa em Magadha. Ao se aproximar da deusa da terra Sthāvarā, outro milhão de deusas da terra declara que um grande ser realizado está se aproximando. Elas manifestam uma série de aparências miraculosas. Sthāvarā afirma que Sudhana acumulou mérito neste lugar em vidas passadas e demonstra seu resultado pisando no chão para que apareçam milhões de tesouros que Sudhana sempre poderá usar. Ela afirma que atingiu a libertação bodisatva chamada a essência da sabedoria invencível, em virtude da qual ela praticou o Dharma e protegeu bodisatvas desde o tempo do Buda Dīpaṅkara. Ela recebeu essa libertação do Buda Sunetra muitos kalpas antes e desde então sempre esteve na presença dos budas. Como ela está limitada a essa libertação bodisatva, ela instrui Sudhana a ir a Kapilavastu, a cidade natal do Buda Shakyamuni, para ver a deusa da noite Vāsantī.

Capítulo 34: Vāsantī

Sudhana chega a Kapilavastu e, após o pôr do sol, vê a deusa da noite Vāsantī no céu acima da cidade. Ela tem um corpo dourado, e ele vê em seus poros os reinos dos seres que ela libertou e suas várias emanações, e também ouve de seus poros os ensinamentos do Dharma que ela deu. Ela diz a Sudhana que atingiu a libertação bodisatva chamada o portal para guiar os seres através do brilho do Dharma que elimina a escuridão de todos os seres. Ela descreve como ajuda vários seres que estão angustiados de várias maneiras na escuridão, e como ela liberta os seres da escuridão do saṃsāra e protege e salva os seres de perigos físicos e espirituais. Em seguida, ela descreve essas atividades em versos. Em seguida, ela explica que muitos kalpas antes, ela havia sido uma rainha que foi despertada uma noite por uma deusa da noite chamada Suviśuddhacandrābhā, que lhe disse que o Buda Sarvadharmānagarjitarāja acabara de atingir a budidade em uma floresta próxima e havia manifestado uma luz milagrosa. Ela foi até aquele buda, entrou no Dharma e, em todas as vidas seguintes, teve um renascimento afortunado e acumulou mérito. Após incontáveis kalpas, ela tornou-se a bela filha de um chefe de mercadores, e a deusa da noite Suviśuddhacandrābhā havia se tornado uma deusa da noite chamada Viśuddhanetrābhā. Uma noite, a deusa da noite revelou-se à filha do comerciante e falou-lhe do Buda Sumerudhvajāyatanaśāntanetraśrī, que havia atingido a budidade sete dias antes e era o primeiro de quinhentos budas que apareceriam

naquele kalpa. A filha do comerciante foi até aquele buda e, ao ver seu rosto, lembrou-se de suas vidas anteriores. Foi daquele buda que ela recebeu a libertação bodisatva chamada o portal para guiar os seres através do brilho do Dharma que elimina a escuridão de todos os seres. Como resultado, ela poderia estar em incontáveis reinos diante de muitos budas simultaneamente, conhecia as línguas dos seres em incontáveis reinos e se manifestava para eles de várias maneiras. No entanto, ela diz que está limitada a essa conquista e instrui Sudhana a voltar ao bodhimaṇḍa para ver a deusa da noite Samantagambhīraśrī vimālaprabhā.

Capítulo 35: Samantagambhīraśrīvimālaprabhā

Sudhana retorna ao bodhimaṇḍa e vê a deusa da noite Samantagambhīraśrīvimālaprabhā. Ela o instrui em dez qualidades que os bodisatvas precisam atingir. Ela afirma que atingiu a libertação bodisatva chamada subjugação completa através da bem-aventurança da paz de shamatha, através da qual ela pode ver todos os budas nos três tempos, receber todos os seus ensinamentos e amadurecer os seres de várias maneiras. Afirmando que está limitada a essa libertação, ela instrui Sudhana a ir ver a deusa da noite Pramuditānayanajagadvīrocanā, que está por perto.

Capítulo 36: Pramuditānayanajagadvīrocanā

Sudhana vai para o lado sul do bodhimaṇḍa, onde vê a deusa da noite Pramuditānayanajagadvīrocanā. Sudhana vê corpos emanados, tão numerosos quanto todos os seres, vindo de todos os seus poros, ensinando o caminho do bodisatva aos seres em diferentes línguas e formas. Sudhana a elogia em versos e depois pergunta a ela quando ela atingiu sua libertação bodisatva chamada a bandeira do poder da vasta, imaculada, completamente boa alegria. Pramuditānayanajagadvīrocanā responde em versos, descrevendo como em um mundo anterior, no distante passado, ela era a rainha de um cakravartin. Ela foi despertada por deusas da noite na noite em que um buda chamado Śrisamudra atingiu a budidade e brilhou com uma luz milagrosa. Ela acordou o rei, a corte e as outras rainhas, e com uma grande massa de pessoas foram até o Buda. Foi então que ela desenvolveu pela primeira vez a aspiração de atingir a budidade, e ela orou particularmente para se tornar como aquelas deusas da noite. Ela lista os numerosos budas a quem ela ofereceu e recebeu ensinamentos ao longo de vários mundos e kalpas. Finalmente, ela recebeu e atingiu sua libertação bodisatva do Buda Ratnaśrīpradīpagaṇaketu e então, por compaixão pelos seres, assumiu sua forma atual como deusa da noite. No entanto, ela afirma que está limitada a essa conquista e instrui Sudhana a ir ver a deusa da noite Samantasattvatrāṇojaḥśrī, que está por perto entre a assembleia no bodhimaṇḍa.

Capítulo 37: Samantasattvatrāṇojaḥśrī

Quando Sudhana caminha a curta distância para ver a deusa da noite Samantasattvatrāṇojaḥśrī, ela irradia sobre ele um raio de luz que o faz entrar em um samadhi e ver mundos nos átomos do chão, e vê-la aparecendo em todos eles para guiar e ajudar os seres através do poder de sua libertação bodisatva chamada as manifestações que guiam os seres que aparecem em todos os mundos. Sudhana recita versos para ela, descrevendo essa visão, e lhe pergunta quando ela atingiu essa libertação. Ela descreve como incontáveis kalpas no passado, em um mundo chamado Vairocanatejaḥśrī, ela era uma princesa chamada Padmabhadhrābhirāmanetraśrīcandrā, filha de um cakravartin que governava os quatro continentes. Ao norte da capital havia uma árvore Bodhi, diante da qual havia um lago com um lótus mágico em seu centro, sobre o qual estava o Buda Samantajñānaratnārcīsī guṇaketurāja, o primeiro de incontáveis budas a aparecer naquele kalpa. Ao longo de dez mil anos, ele irradiou raios de luz para os seres naquele mundo, informando-os e preparando-os para sua eventual aparição como buda. No momento de sua conquista da budidade naquele mundo, houve presságios milagrosos em todos os lugares. O bodisatva Samantabhadra apareceu acima do palácio do cakravartin, seu brilho ofuscando todas as outras luzes. Ele informou ao rei que um buda havia aparecido na árvore Bodhi. Ao ver Samantabhadra, a princesa desejou estar sempre com ele, em todas as suas vidas. O rei manifestou-se miraculosamente por todo o mundo, incentivando todos a virem ver o Buda. Ao ver o Buda, a princesa lançou suas joias em sua direção, e elas formaram uma exibição milagrosa no ar. Ela teve uma visão da presença de Samantabhadra em incontáveis mundos e atingiu vários samadhis. O buda disse a ela que em uma vida passada Samantabhadra havia instruído-a a reparar a estátua do buda daquela época e que isso havia sido a causa de seus bons renascimentos e conexão com budas e Samantabhadra em todas as suas vidas. A deusa da noite Samantasattvatrāṇojaḥśrī então explica a Sudhana que ela havia sido a princesa, Maitreya era o rei, e sua rainha, a mãe da princesa, era a deusa da noite Praśantaruta-sāgaravatī. Samantasattvatrāṇojaḥśrī descreve como ela frequentou e fez oferendas a uma sucessão de budas ao longo dos kalpas, e ela descreve os ensinamentos que recebeu de alguns deles. Ela lista um número de budas em versos, e finalmente diz que sua conquista está limitada à libertação bodisatva chamada as manifestações que guiam os seres que aparecem em todos os mundos e que Sudhana deve ir ver a deusa da noite Praśantaruta-sāgaravatī.

Capítulo 38: Praśantarutasāgaravatī

Sudhana vai diretamente para a deusa da noite Praśantarutasāgaravatī, que lhe diz que atingiu a libertação bodisatva chamada a exibição em cada instante da mente do surgimento do poder do vasto deleite. Ela explica que ensina o Dharma em todos os lugares de várias maneiras aos seres e que pode ver todos os bodisatvas onde quer que estejam e o que quer que estejam fazendo. Em particular, ela vê como o Buda, a quem ela chama de Vairocana, a cada instante irradia raios de luz em todos os lugares que assumem várias formas para guiar os seres, e ver isso lhe dá grande deleite. Ela descreve as vastas qualidades de sua libertação,

e quando Sudhana pergunta a ela sobre seu passado, ela afirma que em um reino mundial chamado Kanakavimalaprabhāvīya, além de muitos mundos a leste, havia um buda chamado Avivartyadharmadhatunirghoṣa, e ela era uma deusa no bodhimaṇḍa daquele mundo. Ao vê-lo, ela desenvolveu pela primeira vez a aspiração à iluminação, e posteriormente, em várias vidas, ela frequentou todos os budas que apareceram em uma sucessão incontável naquele mundo, atingindo assim vários samadhis. Então ela renasceu neste mundo Sahā, onde ela frequentou os quatro primeiros budas e frequentará todos aqueles que virão. Ao ver o buda presente, Vairocana, ela atingiu sua libertação bodhisatva. Depois disso, ela podia ver tantos reinos e budas quantos átomos existem dentro de cada átomo e era capaz de receber todos os seus ensinamentos em cada instante da mente. No entanto, como ela está limitada a essa libertação, ela instrui Sudhana a ir à deusa da noite Sarvanagararakṣāsambhavatejaḥśrī, que está na assembleia de Vairocana.

Capítulo 39: Sarvanagararakṣāsambhavatejaḥśrī

Sudhana vê a deusa da noite Sarvanagararakṣāsambhavatejaḥśrī sentada em um trono de lótus e tendo um corpo que pode aparecer e se comunicar com todos os seres. Ela diz a ele que atingiu uma libertação bodhisatva chamada entrada em belos sons e manifestações profundas. Ela descreve como ela guia os seres, ensinando o Dharma de várias maneiras, e como ela vê o reino dos fenômenos de dez maneiras e ensina através de milhares de poderes de retenção mental, dez dos quais ela lista. Ela descreve como no passado distante havia um kalpa em um mundo onde incontáveis budas apareceram, o primeiro dos quais foi Sarvadharmasāgaranirghoṣaprabharāja. Naquela época, havia um rei cakravartin que, após a morte do buda, usou seus poderes miraculosos para criar uma exibição para reviver os ensinamentos em declínio. Sua filha, que era uma bhikkhuni, ao ver aquele milagre, atingiu a libertação bodhisatva chamada entrada em belos sons e manifestações profundas. A deusa da noite revela que ela era a bhikkhuni e o rei era o bodhisatva Samantabhadra. Ela então lista os nomes de pouco mais de cem dos incontáveis budas daquele kalpa, todos os quais ela foi discípula, e por incontáveis kalpas desde então, ela tem estado presente aos budas. Ela diz que está limitada a essa libertação bodhisatva e instrui Sudhana a ir à deusa da noite Sarvavṛkṣaphullanasukhasaṃvāsā, que está por perto aos pés do Buda Vairocana, o nome que ela usa para Shakyamuni.

Capítulo 40: Sarvavṛkṣaphullanasukhasaṃvāsā

A deusa da noite Sarvavṛkṣaphullanasukhasaṃvāsā está sentada em um kutagara, em um trono feito de galhos preciosos. Ela diz a Sudhana como a noite faz os seres desejarem voltar para suas casas e como ela leva os seres para a boa conduta e a libertação. Ela afirma que atingiu a libertação bodhisatva chamada o surgimento da vasta luz radiante da alegria, que possui o conhecimento para reunir os seres como discípulos. Por meio disso, ela lembra a conduta passada, o progresso e a conquista do Buda, referido como o Buda Vairocana. Ela afirma que essa libertação bodhisatva só pode ser compreendida pelos budas, mas por meio

de sua bênção ela pode ensiná-la, e ela então repete isso em versos. Sudhana pergunta a ela quando ela ganhou essa conquista, e ela descreve como em um kalpa passado, em outro mundo, os seres estavam em aflição devido à fome e à pobreza causadas por sua má conduta. Eles imploraram ao rei cakravartin Sarvadharmānirvācchātmanirghoṣa por ajuda, e ele organizou uma grande distribuição de toda sua riqueza para satisfazer todos os seres. Naquela época, uma garota chamada Ratnaprabhā, ao ver o rei, foi inspirada a atingir a iluminação, e ela recitou para ele versos que descreviam seu nascimento. Ela disse que seu pai era o Rei Jyotiṣprabha e sua mãe era a Rainha Padmaprabhā. Em uma época em que não chovia há anos e tudo estava murchando, havia uma luz brilhante em um lago de lótus em seu parque por sete noites antes de seu nascimento, durante as quais todos os lagos de lótus se encheram de água que se espalhou por todo o mundo, acabando com a sede e nivelando a superfície da terra. Na sétima noite, seu filho apareceu miraculosamente, sentado de pernas cruzadas em um lótus gigante, e o rei o pegou e deu-o à sua rainha como filho. Raios de luz de seu corpo eliminaram todo o mal e a doença em todo o mundo e tornaram todos gentis e compassivos. Quando Ratnaprabhā terminou seus versos, o rei deu a ela e sua comitiva de quinhentas meninas roupas preciosas, sobre as quais apareceram as imagens de constelações e estrelas. As pessoas diziam que as meninas eram mais bonitas que a deusa da noite. Sarvaṛkṣapraṇidhānavīryaprabhā então diz a Sudhana que o Rei Sarvadharmānirvācchātmanirghoṣa era o Buda; o Rei Jyotiṣprabha era Śuddhodana, o pai do Buda nesta vida; a Rainha Padmaprabhā era Mayadevi, a mãe do Buda nesta vida; e ela mesma era a garota Ratnaprabhā. Ela então diz que sua conquista está limitada à sua libertação bodisatva e diz a Sudhana para ir à deusa da noite Sarvajagadrakṣāpraṇidhānavīryaprabhā, que também está presente no bodhimaṇḍa.

Capítulo 41: Sarvajagadrakṣāpraṇidhānavīryaprabhā

Sudhana vê Sarvajagadrakṣāpraṇidhānavīryaprabhā com as imagens de todas as estrelas e assim por diante em seu corpo. Ela manifesta corpos em várias formas para seres em todo o reino dos fenômenos. Olhando para ela, Sudhana atinge dez percepções puras e numerosas “coisas em comum” com os bodisatvas. Sudhana a aborda em versos, e ela diz a ele que atingiu a libertação bodisatva chamada a origem das raízes do mérito que inspiram o amadurecimento de todos os seres. Isso significa que, tendo percebido a irrealidade dos fenômenos, ela pode se manifestar em qualquer forma milagrosa para beneficiar os seres a cada instante. Ela afirma que, embora os bodisatvas tenham transcendido os conceitos de tempo e assim por diante, eles ainda estão engajados em beneficiar os seres em termos de suas percepções, como aparições mágicas que não têm realidade. Ela descreve como em um passado distante ela era um príncipe chamado Vijitāvin cujo pai havia aprisionado muitos seres por seu comportamento perverso, e que por compaixão por eles se ofereceu para tomar o lugar deles se fossem libertados. Os ministros convenceram o rei de que isso era um complô perigoso, e assim ele condenou o príncipe à execução. A rainha obteve permissão para o príncipe fazer uma doação caritativa de todos os seus bens por quinze dias, e ele o fez sem

remorso, dando tudo. No último dia das doações, Dharmacakranirghoṣagaganameghapradīparāja, o buda que havia aparecido naquele reino, chegou lá miraculosamente, inspirando fé, e o príncipe atingiu a libertação bodisatva chamada a origem das raízes do mérito que inspiram o amadurecimento de todos os seres e recebeu permissão do rei para se tornar um bhikkhu. Ela afirma que os ministros daquela época eram seguidores de Devadatta nesta vida, mas todos eles se tornariam budas em um futuro kalpa. Os prisioneiros libertados eram os budas do kalpa presente e numerosos outros bodisatvas. As muitas rainhas e guardas do harém do rei eram os seguidores jainistas de Satyaka, a quem o Buda Shakyamuni declarou ser um bodisatva. Sarvajagadrakṣāpraṇīdhānavīryaprabhā lista alguns dos muitos budas que ela seguiu no tempo intermediário. Depois de resumir em versos o que ela lhe contou, ela afirma que sua conquista está limitada a essa libertação bodisatva e diz a Sudhana para ir à deusa da floresta Sutejomaṇḍalaratiśrī, em Lumbini.

Capítulo 42: Sutejomaṇḍalaratiśrī

Sudhana vai para a Floresta Lumbini e vê Sutejomaṇḍalaratiśrī dentro de um kutagara feito de galhos de árvores preciosas, ensinando um sutra a milhões de deusas da floresta. Ela ensina Sudhana em prosa e novamente em verso os dez tipos de nascimento pelos quais um bodisatva entra na família dos tathagatas. Ela afirma que atingiu a libertação bodisatva chamada manifestações miraculosas no nascimento de bodisatvas através de todas as percepções de incontáveis kalpas. Ela afirma que, através de suas orações passadas, ela nasceu nesta floresta para observar o nascimento do Buda e descreve os dez presságios que precederam seu nascimento, os dez presságios de luz quando a mãe do Buda veio para a floresta e as dez manifestações milagrosas no momento de seu nascimento. Ela afirma que vê tais nascimentos miraculosos em todos os mundos e que vê os budas que estão em todos os átomos em todos os mundos. Ela descreve como incontáveis kalpas atrás, ela era uma enfermeira chamada Vimalasambhavaprabhā que estava presente quando o Buda Īsvaraguṇāparājīitadhvaja nasceu da Rainha Suharṣitaprabheśvarā em um parque. Por ser a enfermeira, o bebê foi colocado em seu colo por deidades, e naquele momento ela atingiu sua libertação bodisatva. O rei e a rainha daquela época eram vidas passadas dos pais do Buda Shakyamuni. Desde então, ela testemunhou o nascimento de todos os budas em todos os lugares. Ela repete isso em verso e depois afirma que está limitada a essa libertação bodisatva, e, portanto, Sudhana deve ir ver Gopā, que era a esposa do Buda, em Kapilavastu.

Capítulo 43: Gopā

Sudhana chega a Kapilavastu e é recebido e elogiado por Aśokaśrī, a deusa do salão da assembleia de Kapilavastu. Sudhana descreve seu caminho bodisatva para ela. Ela e outras deusas fazem oferendas a ele e o elogiam em versos. Sudhana entra no salão da assembleia e vê Gopā e sua comitiva de mulheres reais, todas praticando o caminho bodisatva. Em prosa e depois em verso, Gopā ensina Sudhana as dez qualidades da conduta bodisatva e as dez

maneiras de agradar aos kalyanamitras. Ela afirma que atingiu a libertação bodisatva chamada o alcance da visão de todos os caminhos do oceano dos samadhis dos bodisatvas. Por meio disso, ela percebe todos os budas, pratyekabuddhas, bodisatvas e suas atividades e qualidades no passado, presente e futuro. Em particular, ela conhece todas as vidas passadas do Buda Vairocana, ou seja, o Buda Shakyamuni. Em seguida, ela descreve como em um passado distante ela era filha de uma cortesã que se apaixonou por um príncipe chamado Tejodhipati, que era dedicado ao caminho bodisatva, e tornou-se sua esposa. Juntos, ao longo de muitas vidas, eles veneraram uma sucessão de seiscentos mil trilhões de budas, após o que ela atingiu sua libertação bodisatva. Durante todo esse tempo, ela pôde contemplar as maravilhosas qualidades de seu marido, até esta vida em que ele se tornou o Buda Shakyamuni. Ela afirma que a mãe de Tejodhipati era uma vida passada de Mayadevi, a mãe de Shakyamuni, e que o pai de Tejodhipati, o Rei Dhanapati, agora é um buda em um reino oriental. Ela diz a Sudhana que sua conquista está limitada a essa libertação e que ele deve ir a Mayadevi, a mãe do Buda, que está atualmente aos pés do Buda. Antes de Sudhana partir, ela descreve em versos uma vida ainda anterior em que ela era filha de um comerciante chamada Bhānuprabhā, que desenvolveu devoção a um mendicante chamado Suraśmīketu, que havia sido um príncipe. Ela fez oferendas a ele e, como resultado, teve bons renascimentos por duzentos e cinquenta kalpas, culminando em seu renascimento como filha da cortesã, quando ela fez pela primeira vez a aspiração de atingir a budidade.

Capítulo 44: Mayadevi

Ratnanetrā, a deusa da cidade, aparece no céu para Sudhana e o instrui sobre como cuidar da cidade de sua mente. Então, duas deusas do corpo, Dharmapadmaśrīkuśalā e Hriśrīmañjariprabhāvā, aparecem para ele, elogiando Mayadevi e brilhando sobre Sudhana uma luz que lhe traz realizações. Ele então encontra um rākṣasa guardião do salão de reuniões dos bodisatvas, que lhe ensina dois conjuntos de dez qualidades relacionadas aos kalyanamitras. Sudhana vê diante de si um lótus gigante, no centro do qual está um kutagara, dentro do qual está Mayadevi, que pode aparecer em qualquer lugar para qualquer ser em várias formas. Ele se curva com múltiplos corpos para suas múltiplas formas e entra em samadhi. Então ele pede instrução a ela. Ela descreve a chegada milagrosa do Buda ao seu ventre e como bodisatvas e deidades também entraram nele para fazer oferendas ao Buda. Mayadevi explica que atingiu a libertação chamada as conjurações ilusórias da sabedoria da grande oração e é, portanto, mãe de todos os budas em todos os lugares no passado, presente e futuro. Ela lista um grande número de nomes dos budas deste kalpa. Sudhana pergunta quando ela atingiu essa libertação, e ela descreve ser uma deusa bodhimaṇḍa que orou ao buda daquela época para sempre ter o cakravartin daquela época como seu filho. Por incontáveis vidas em várias existências, isso foi assim, e agora ele atingiu a iluminação como o Buda Vairocana. Mas ela afirma que está limitada ao conhecimento dessa libertação e diz a ele para ir ao paraíso de Trāyastriṃśa para pedir instrução à deusa Surendrābhā.

Capítulo 45: Surendrābhā

Neste curto capítulo, Sudhana chega ao paraíso de Trāyastriṃśā, e Surendrābhā diz a ele que atingiu a libertação bodisatva chamada a exibição da memória pura e ilimitada. Isso permite que ela se lembre de servir a inúmeros budas ao longo de incontáveis kalpas, desde o primeiro desenvolvimento da aspiração à iluminação até o momento em que seu Dharma cessa. Dizendo que seu conhecimento está limitado a essa libertação, ela fala para Sudhana ir a Kapilavastu para ver Viśvāmitra, o professor de crianças.

Capítulo 46: Viśvāmitra

No capítulo mais curto do Sutra, Sudhana desce do paraíso de Trāyastriṃśā para Kapilavastu, onde Viśvāmitra, um professor de crianças, simplesmente o instrui a ir ver Śilpābhijña na mesma cidade.

Capítulo 47: Śilpābhijña

Śilpābhijña diz a Sudhana que atingiu a libertação bodisatva chamada conhecimento superior das artes e descreve as várias realizações da perfeição da sabedoria que ele atingiu através da recitação das letras do alfabeto Arapacana. Afirmando que sua realização é limitada, ele diz a Sudhana para ir ver Bhadrottamā na cidade de Vartanaka em Magadha.

Capítulo 48: Bhadrottamā

Sudhana encontra Bhadrottamā, descrita simplesmente como uma kalyanamitra. Ela afirma que atingiu o samadhi chamado ilimitado, através do qual ela tem sentidos ilimitados e outros atributos da onisciência. Afirmando que está limitada a esse samadhi, ela instrui Sudhana a ir ao sul da Índia para encontrar o ourives Muktāsāra.

Capítulo 49: Muktāsāra

Neste breve capítulo, Sudhana encontra o ourives Muktāsāra na cidade sulista de Bharukaccha. Muktāsāra diz que atingiu a libertação bodisatva chamada a exibição da memória pura ilimitada e continuamente busca o Dharma aos pés dos tathagatas nas dez direções. Como sua conquista está limitada a isso, ele instrui Sudhana a ir ver o chefe de família Sucandra na floresta fora da cidade.

Capítulo 50: Sucandra

Neste breve capítulo, Sudhana encontra Sucandra, que lhe diz que sua conquista está limitada à libertação bodisatva chamada a luz imaculada da sabedoria e, portanto, ele deve ir a Ajitasena na cidade de Roruka.

Capítulo 51: Ajitasena

Neste breve capítulo, Sudhana encontra Ajitasena, que atingiu uma libertação bodisatva chamada características incessantes. Ele diz a Sudhana para ir ao brâmane Shivarāgra na vila de Dharma.

Capítulo 52: Shivarāgra

Neste breve capítulo, Sudhana encontra o brâmane Shivarāgra, que atingiu o poder da fala da verdade que realiza desejos. Afirmando que está limitado a essa conquista, ele diz a Sudhana para ir ao menino e à menina Śrīsaṃbhava e Śrīmati.

Capítulo 53: Śrīsaṃbhava e Śrīmati

Sudhana encontra o menino e a menina Śrīsaṃbhava e Śrīmati. Juntos, com uma só voz, dizem que atingiram a libertação bodisatva chamada a aparição da ilusão, através da qual veem todos os fenômenos como ilusões. Como estão limitados a essa conquista, eles dizem a Sudhana para ir a um kutagara no sul da Índia, onde habita o bodisatva Maitreya. Eles descrevem as qualidades de Maitreya e dão conselhos a Sudhana sobre sua prática da conduta bodisatva, descrevendo em detalhes as qualidades que um bodisatva precisa atingir. Eles também o admoestam a ser devoto aos kalyanamitras, descrevendo em detalhes sua importância central para o caminho bodisatva como a fonte de todas as suas qualidades. Eles descrevem a natureza dos kalyanamitras e usam analogias para fazê-lo. Eles também usam analogias para descrever como um bodisatva deve perceber um kalyanamitra, incluindo a conhecida analogia do bodisatva sendo um paciente, o kalyanamitra sendo um médico, suas instruções sendo remédio e sua prática sendo o tratamento que cura a doença. Eles descrevem através de analogias os benefícios que vêm de seguir esse caminho e concluem enfatizando que todos eles dependem de confiar nos kalyanamitras. Sudhana então se despede.

Capítulo 54: Maitreya

Sudhana, em um estado de grande realização espiritual, prostra-se à porta do kutagara chamado Vairocanavyūhāṃkārāgarbha e então o circunda muitas centenas de milhares de vezes. Ele lista primeiro em prosa e depois em verso as muitas qualidades inconcebíveis dos bodisatvas que têm este kutagara como sua residência. Então ele vê Maitreya chegando com uma vasta comitiva. Maitreya o recebe em versos, elogiando-o, descrevendo sua motivação para ir lá e dando-lhe instruções. Em resposta ao pedido e elogio de Sudhana, ele o ensina longamente em prosa, descrevendo e elogiando a aspiração à iluminação usando uma série de analogias. Em seguida, ele instrui Sudhana a entrar no kutagara e abre miraculosamente a porta estalando os dedos. Segue-se uma descrição detalhada das visões inconcebíveis e vastas que Sudhana vê em um estado de samadhi, incluindo outros kutagaras, bilhões de mundos e bodisatvas. Então Maitreya entra e afirma que esta foi uma libertação bodisatva

chamada a essência da exibição da memória infalível que se engaja com o conhecimento de todos os objetos de percepção nos três tempos. Em seguida, ele descreve a natureza profunda dos bodisatvas e suas qualidades, e afirma que após sua morte, ele renascerá no paraíso de Tushita e depois virá a este mundo para ser um buda. Em seguida, ele instrui Sudhana a ir ver Manjusri mais uma vez, pois ele colocou Sudhana neste caminho e Sudhana esteve conectado a Manjusri em todas as suas vidas anteriores seguindo o caminho.

Capítulo 55: Manjusri

Sudhana passa por cento e dez cidades até chegar a um distrito chamado Sumanāmukha. Manjusri está longe - cento e dez yojanas - mas estende a mão e coloca-a na cabeça de Sudhana e o elogia, ensina-o e abençoa-o, de modo que Sudhana ganha muitas realizações.

Capítulo 56: Samantabhadra e “A Oração pela Conduta Completamente Boa”

Sudhana tem grande realização e raízes de mérito, e, portanto, ocorrem dez eventos e dez luzes que são presságios do aparecimento de Samantabhadra. Sudhana vê Samantabhadra sentado diante do Buda, e ele vê uma variedade de eventos miraculosos manifestando-se dos poros de Samantabhadra e das atividades de Samantabhadra em incontáveis reinos e ao longo do tempo. Como resultado, ele atinge dez práticas da perfeição do conhecimento. Então Samantabhadra e todos aqueles Samantabhadras diante de cada buda colocam as mãos na cabeça de Sudhana, e ele ganha grandes realizações. Samantabhadra descreve suas próprias práticas passadas, como a generosidade. Ele instrui Sudhana a olhar para seu corpo, e Sudhana vê vastas visões dentro de cada um dos poros de Samantabhadra. Então Samantabhadra recita “A Oração pela Conduta Completamente Boa” e o sutra termina.

¹ Veja o colofão, c. 3.

² Pekar Zangpo, *mdo sde spy'i rnam bzhag* (2006), 18.

³ Esta representação de Shakyamuni como uma emanção de Vairocana tem seu precedente em um Sutra que nunca foi traduzido para o Tibetano, mas existe em tradução chinesa: o *Brahmajalasutra*. Este Sutra introduz o Buda Vairocana como o buda primordial que é a fonte de dez bilhões de Shakyamunis que existem simultaneamente em dez bilhões de mundos diferentes. Este Sutra não deve ser confundido com o *Brahmajalasutra* que existe tanto no cânone páli quanto no Kangyur tibetano (Toh 352).

⁴ Veja Peter Alan Roberts, trad., *Os Dez Bhumis* (<https://read.84000.co/translation/toh44-31.html>), Toh 44-31.

⁵ Há evidências de Sutras do Mahayana originando-se no norte da Índia. Em seu *Genealogias do Budismo Mahayana*, Joseph Walser argumenta que a "porção central" da *Perfeição da Sabedoria em Oito Mil Linhas* (Toh 12, *Astahasrikaprajnaparamita*) foi provavelmente escrita na segunda metade do primeiro século em Mathura, que está localizada no atual Uttar Pradesh. Ele também oferece a conclusão provisória de que foi escrita por "um monge Sarvastivadin residente no Guhavihara de Buddhadeva fora de Maṭ." Veja Walser (2018), 242.

⁶ Osto observa que Etienne Lamotte, Edward Conze e Nalinaksha Dutt consideram o Mahāsāṃghika como a fonte da tradição Mahayana. Veja Osto (2008), 157, n. 5. Paul Williams argumenta que pelo menos alguns Sutras Mahayana emergiram do Mahāsāṃghika: "Não há dúvida de que pelo menos alguns Sutras Mahayana iniciais tiveram origem em círculos Mahāsāṃghika. Nos ensinamentos *lokottaravāda* supramundanos, estamos nos aproximando muito de um ensinamento bem conhecido no Mahayana de que a morte do Buda também foi apenas uma aparência; na realidade, ele permanece fora de compaixão, ajudando a humanidade sofredora, e daí a sugestão de que para aqueles que são capazes, o maior objetivo religioso deve ser não se tornar um Arhat, mas tomar os votos de Bodhisatva, iniciando-se no longo caminho para um Buda supremo e totalmente superior." Veja Williams (2009), 21. No entanto, essa visão tem sido contestada por vários estudiosos, incluindo Paul Harrison, que mantém em seu "Buscando as Origens do Mahayana: O que Estamos Procurando?" que é impossível traçar uma conexão clara entre o Mahayana e uma única seita, mantendo em vez disso que o Mahayana era um conjunto solto de movimentos relacionados que cruzavam a Índia budista. Para um resumo excelente da pesquisa sobre as origens do Mahayana, veja Osto (2008), 105–16.

⁷ Toh 127. Veja a tradução em Peter Alan Roberts, trad., *O Sutra Rei dos Samadhis* (<https://read.84000.co/translation/toh127.html>), 84000: Traduzindo as Palavras do Buda, 2018.

⁸ Osto (2008), 108–9.

⁹ *Bodhisattvagocaraupāyaviṣayavikurvāṇanirdeśa*, Toh 146. Veja a tradução em Inglês em Jampal 2010.

¹⁰ Veja Satyaka Sutra, fólio 98.b–130.a.

¹¹ Veja Satyaka Sutra, fólio 132.b–133.a.

¹² *Saddharmapuṇḍarīkanāmahayanasutra*, Toh 113. Veja a tradução em Peter Alan Roberts, trad., *O Lótus Branco do Bom Dharma* (<https://read.84000.co/translation/toh113.html>), 84000: Traduzindo as Palavras do Buda, 2018.

¹³ Isso é encontrado no capítulo 4 do *Satyaka Sutra*, intitulado "O Ensino como um Único Yāna" (*theg pa gcig tu bstan pa'i le'u*). Veja *Satyaka Sutra*, fólios 94.b–98.b.

¹⁴ Osto (2008), 5.

¹⁵ *'phags pa bzang po spyod pa'i smon lam gyi rgyal po* (*Ārya bhadrā caryā praṇidhāna rāja*, Toh 1095).

¹⁶ Osto (2008), 6, 113

¹⁷ Denominados Navadharmas ("Nove Dharmas") ou Navagranthas ("Nove Textos"), estas obras são: (1) *Prajnaparamita*, (2) *Gandavyuha*, (3) *Daśabhūmi* (<https://read.84000.co/translation/toh44-31.html>), (4) *Samadhirāja* (<https://read.84000.co/translation/toh127.html>), (5) *Laṅkāvatāra*, (6) *Saddharma puṇḍarīka* (<https://read.84000.co/translation/toh113.html>), (7) *Lalitavistara* (<https://read.84000.co/translation/toh95.html>), (8) *Suvarṇaprabhāsa* (<https://read.84000.co/translation/toh555.html>), e (9) *Tathagatagūhya*. Veja Lewis (1993), 327, n. 15.

¹⁸ Osto (2008), 4.

¹⁹ Osto (2008), 129.

²⁰ Osto (2008), 4.

²¹ Ōtake (2007), 93–94.

²² As edições do Palácio Stok (vol. 34, folio 310.a), Lhasa (vol. 46, folio 341.b), Choné (vol. 94, folio 284.a) e Narthang (vol. 40, folio 340.a) *leem shin tu rgyas pa chen po'i mdo sangs rgyas phal po che zhes bya ba/ byang chub sems dpa'i sde snod kyi nang nas sdong pos brgyan pa zhes bya ba chos kyi rnam grangs chen po las*. Isso poderia ser traduzido como "o grande Dharma discurso chamado *Gandavyuha* dentro do *Bodisatvapitaka* chamado o vasto Sutra *Budavatamsaka*", o que sugere que o *Budavatamsaka* é um tipo de texto conhecido como

um piṭaka de Bodisatva. Urga (vol. 38, folio 362.a) tem *sangs rgyas phal po che zhes bya ba/shin tu rgyas pa chen po'i mdo las/byang chub sems dpa'i sde snod cing / sdong pos rgyan pa zhes bya ba*, o que poderia ser traduzido como "o *Bodisatvapitaka* e *Gandavyuha* do Sutra Mahāvaipulya chamado *Budavatamsaka*", embora *cing* gramaticalmente devesse seguir um verbo, não um substantivo, e poderia ser um erro para *kyi nang* quando pronunciado como "*chi nang*". Isso, como o colofão mencionado anteriormente de Dunhuang, sugere que tanto *Bodisatvapitaka* quanto *Gandavyuha* são títulos para uma e a mesma obra. Em contraste, as edições Degé (vol. 38, folio 362.a) e Kangxi (vol. 60, folio 263.a) leem *shin tu rgyas pa chen po'i mdo/sangs rgyas phal po che zhes bya ba las/byang chub sems dpa'i sde snod kyi nang / sdong pos brgyan pa zhes bya ba chos kyi rnam grangs chen po las*. Isso poderia ser interpretado como "Do Sutra Mahāvaipulya chamado *Budavatamsaka*, dentro do *Bodisatvapitaka*, o grande discurso do Dharma chamado *Gandavyuha*", significando que o *Gandavyuha* é do *Bodisatvapitaka*, uma coleção de ensinamentos de bodisatva, e foi incluído no *Budavatamsaka*. Em outras palavras, o *Gandavyuha* está contido no *Bodisatvapitaka* que está contido no *Budavatamsaka* - uma afirmação que não pareceria fazer muito sentido.

²³ Osto (2008), 4.

²⁴ Osto (2008), 130.

²⁵ Osto (2008), 11.

²⁶ Osto (2008), 5.

²⁷ Osto (2008).

²⁸ 28. Van Norden (2019).

²⁹ Fontein (1967), 117. Fontein (2012), 1. Veja também Revianur (2018), 577.

³⁰ Fontein (1967), 118.

³¹ Fontein (1967), 120–21.

³² *si tu chos kyi 'byung gnas*, fólho 205.a.

³³ D. E. Osto, "*The Supreme Array Scripture* (<http://www.douglasosto.com/the-supreme-array-scripture>)," acessado em 6 de Julho de 2021.

³⁴ Toh 352 no Kangyur.

³⁵ *rnam par snang mdzad chen po mngon par rdzogs par byang chub pa rnam par sprul pa byin gyis rlob pa shin tu rgyas pa mdo sde'i dbang po'i rgyal po*.

³⁶ *sems kyi rgyal pos dris nas grangs la 'jug pa bstan pa*, fólíós 348.b–393.b.